

## **Uma Revolução do Coração**

**A espiritualidade de Marcelino e uma identidade  
contemporânea para os Irmãozinhos de Maria**

**Irmão Seán D. Sammon, FMS**  
*Superior Geral*

---

**Institute of the Marist Brothers**  
**Volume XXXI, n.º 1**  
**6 de junho de 2003**

Seán D. Sammon SG  
*Uma Revolução do Coração. A espiritualidade de Marcelino e uma identidade contemporânea para os Irmãozinhos de Maria.*  
Circulares do Superior Geral dos Irmãos Maristas  
Volume XXXI – n.º 1  
30 de junho de 2003

**Título original inglês:**

A Revolution of the Heart. Marcellin's spirituality and a contemporary identity for his Little Brothers of Mary.

**Tradução:**

Ricardo Tescarolo

**Editor:**

Instituto dos Irmãos Maristas  
Casa Geral  
Roma, ITÁLIA

**Redação e Administração:**

Irmãos Maristas  
Piazzale Marcelino Champagnat, 2  
00144 Roma, ITÁLIA  
Tel. (39) 06 545171  
Fax. (39) 06 54517217  
publica@fms.it  
www.champagnat.org

**Diagramação e Fitolitos:**

TIPOCRÔM S.R.L.  
Via G.G. Arrivabene, 24  
00159 Roma, ITÁLIA

**Impressão:**

C.S.C. GRAFICA, S.R.L.  
Via G.G. Arrivabene, 24  
00159 Roma, ITÁLIA

**Fotografia:**

Lluís Serra fms

**Foto da capa:**

*Comunicando a luz*  
Reunião do Conselho Geral ampliado  
Cochabamba, 31 de maio de 2003.

## SUMÁRIO

Filhos de uma nova estação	5
<i>Introdução</i>	7
<b>Parte I</b>	
A importância dos contextos	15
<b>Parte II</b>	
Considerações sobre identidade	29
<b>Parte III</b>	
A espiritualidade de Marcelino e uma identidade contemporânea para os Irmãozinhos de Maria	41
Referências	78
Agradecimentos	79

## FILHOS DE UMA NOVA ESTAÇÃO

---

### III

No adeus da calma do verão,  
céus e chuvas excessivos  
confinam e definem a jornada.  
Nossos passos superam espaços,  
subjugados pelo silêncio.  
Folhas arrebatadas  
e juncos agitados pela palidez do sol:  
o outono já vai pelo meio, fim do tempo.

Onde está o veículo de fogo,  
a carruagem ardente há tanto prometida  
e tão pacientemente esperada?  
A mensagem jaz na pátria antiga  
das encruzilhadas  
onde as portas se oferecem e se recusam:  
a escolha fica entre uma instantânea autonomia  
– raízes retorcidas de uma terra ordinária –  
e o vazio estranho e escuro  
em que o homem perscruta o mistério da vida  
movendo-se e ecoando nas trilhas comuns  
de um chão comum.

Que caminho seguir?  
Por onde as trilhas se desfazem  
e as certezas da viagem e da busca  
abandonam mapas e sentidos.  
Além das nuvens?  
Acelerem o passo sem demora:  
o ar é rarefeito e gélido  
e a força que nos impulsiona,  
nos detém.

*Catherine de Vinck<sup>1</sup>*

## FRATELLI MARISTI

*6 de junho de 2003  
Festa de São Marcelino Champagnat*

Caríssimos Irmãos,

Qualquer  
ordem religiosa  
digna dessa  
denominação  
assume  
a obrigação  
de oferecer  
a seus membros  
um modo  
especial  
de seguimento  
do Senhor,  
uma visão  
inefável  
de auto-  
transcendência.

A presente Circular, intitulada Uma Revolução do Coração, é a primeira de uma série que pretendo publicar ao longo dos próximos anos. Ela propõe uma reflexão sobre o lugar primordial que a espiritualidade de Marcelino deve ocupar na identidade de seus Irmãozinhos de Maria hoje.

Duas razões justificam a escolha desse tema. Uma é a constatação de que é preciso urgentemente formar uma identidade renovada e arrojada para nosso Instituto e que nos persegue desde o final do Concílio Vaticano II.

A outra é a certeza de que, no alvorecer desse novo século, temos à disposição, não apenas a vontade de enfrentar esse desafio de repensar a identidade do Instituto, mas também os instrumentos necessários para empreender tal ação. E, de fato, já não é sem tempo, pois qualquer ordem religiosa digna dessa denominação assume a obrigação de oferecer a seus membros um modo especial de seguimento do Senhor, uma visão inefável de autotranscendência.

Nesse contexto, as histórias de Marcelino e dos primeiros Irmãos revestem-se de especial importância, pois nos encorajam, vocês e eu, a viver tão pobre, obediente e castamente quanto possível. Além disso, ajudam-nos a compreender, com gratidão, que nossa vida de Irmãozinhos de

Maria nos torna mais – e não menos – livres. Que melhor motivo para acolher nossas tradições e promover a história de vida de Marcelino e de outros santos entre nós?

### **A MISSÃO: NO CENTRO DE NOSSA IDENTIDADE ECLESIAL**

É importante mencionar aqui outra razão que fundamenta a escolha da identidade como tema. Ela se relaciona à Igreja e sua missão, bem como a nosso papel de religiosos no exercício do apostolado como serviço não-sacramental nessas duas instâncias. Assumimos um protagonismo profético quando, professando os conselhos evangélicos, prometemos viver o compromisso batismal de um modo radical.

Permito-me aqui uma explicação.

Missão não é apenas uma das muitas atividades de nossa Igreja, mas constitui sua própria razão de ser. Parte de nossa tarefa é manter essa identidade ‘visível e central’ na mente da Igreja. Fazemos isso recordando todas as intervenções salvíficas de Deus no passado, a necessidade que todos temos hoje de uma transformação fundamental de coração e a responsabilidade que assumimos de construir a comunidade humana hoje e nos tempos que se projetam no futuro, conforme a promessa de Deus.

A cena de Pedro e João correndo em direção ao túmulo de Jesus na Páscoa, reproduzida no quadro de Eugène Burnand<sup>2</sup> tem sido algumas vezes usada para ilustrar o relacionamento entre as pessoas inseridas na vida consagrada e a Igreja como um todo. A história é bem conhecida: João correu à frente e atingiu a entrada do túmulo antes de Pedro.

Seja porque a pressa de João resultasse de sua impaciência pela lentidão de Pedro ou de seu anseio para



# *Uma Revolução do Coração*

Ir. Seán D. Sammon, S.G.

confirmar o relato das mulheres de que Jesus de fato aparecera, fato é que, ao chegar à porta do túmulo e antes de entrar, respeitosamente aguardou a chegada do discípulo mais velho. A vida religiosa tem um papel semelhante a desempenhar. Significa correr à frente da Igreja, mas esperando, quando necessário, para que possa nos alcançar.

Ao emitir os votos, passamos a ser testemunhas da missão de Jesus de um modo revolucionário. Em palavras e atos, e com consciência reflexiva, devemos chamar a atenção da Igreja sobre a essência de sua identidade. Assumimos como ideal a responsabilidade de contribuir para que a Igreja nunca se esqueça o que é, tampouco o que deseja e deve ser.

Sejamos, pois, honestos, meus Irmãos: não é possível dar o que não temos. Por acaso há algum sentido em fazermos recomendações aos outros das quais nós mesmos não nos convencemos? A Igreja lutou durante todo o último meio século para desarmar as armadilhas históricas que interferiam em sua capacidade de proclamar a Palavra de Deus de maneira a atingir o coração das pessoas. Não podemos demonstrar menos coragem ao enfrentarmos os pontos críticos que emergem nesse momento da história dos Irmãozinhos de Maria.

O que acontecerá, porém, se não conseguirmos encontrar respostas honestas e coerentes às perguntas “Quem somos nós” e “O que mais almejamos na vida”, perdendo assim a oportunidade de construir uma identidade vigorosa e arrojada para nosso Instituto? Ao invés de avançarmos com entusiasmo e direção, corremos o risco de caminhar sem rumo. Por outro lado, uma identidade bem explicada, compreendida e assumida nos integrará como grupo, reanimará nossas energias e propiciará a renovação de nosso compromisso.

## O MESMO DESAFIO PARA TODOS?

O desafio de abordar os aspectos da identidade e da espiritualidade de Marcelino será o mesmo para todos no Instituto? Não, com certeza. Há Províncias e Distritos hoje cujos membros tomaram a iniciativa de empreender a tarefa da renovação. O processo de reestruturação também contribuiu nesse sentido. Uma dimensão importante desse esforço que atinge todo o Instituto para lhe propiciar mais vitalidade e viabilidade é a da espiritualidade que, no entanto, muitas vezes se negligenciou. O Mistério Pascal constitui a convicção fundamental de nossa fé e o núcleo do exigente trabalho de reestruturação. Sempre ocorre um lento e doloroso processo de morte para o velho antes de se vislumbrar, com os olhos da fé, os primeiros raios fulgurantes de uma nova aurora de Páscoa.

Entretanto, Irmãos de algumas Províncias e Distritos não têm demonstrado tanto entusiasmo em sua resposta aos apelos da renovação. Temem a mudança, pois freqüentemente a relacionam a perda e confusão. E, de fato, esse é seu aparente resultado imediato. A mudança, contudo, é uma primeira etapa necessária em qualquer processo de transformação.

Finalmente, eu não seria sincero se não compartilhasse uma preocupação: a urgência de enfrentarmos as questões da nossa identidade e da espiritualidade de Marcelino em algumas de nossas unidades administrativas. A recusa facilmente se instala em um grupo com medo da mudança, e os efeitos dessa cultura de negação podem ser fatais em longo prazo.

Sou muito otimista em relação à vida religiosa e seu futuro, e em especial a nosso Instituto. O mesmo acontece no que se refere a nosso modo de vida e nossa missão. Entretanto, também acredito que as janelas da oportunidade que Deus tem ultimamente colocado



# Uma Revolução do Coração

Ir. Seán D. Sammon, SG

As distinções  
existentes  
entre  
os conceitos  
de mudança  
e de  
transformação  
são muitas.

à disposição do Instituto e de suas muitas Províncias e Distritos não permanecerão abertas indefinidamente. Em verdade, sem uma ação decisiva e arrojada de nossa parte, algumas delas logo se fecharão.

## O SENTIDO DA CIRCULAR

Nossa identidade como grupo e o lugar que a espiritualidade de Marcelino deve ocupar na identidade do Instituto são temas importantes, direta ou indiretamente tratados pelo 20.º Capítulo Geral. Foram também abordados no trabalho do Conselho Geral e em muitos dos retiros realizados mais recentemente, assim como em algumas etapas das visitas da Administração Geral às Províncias e Distritos. Não devem constituir surpresa, portanto. Afinal, a identidade, com a espiritualidade de Marcelino nela implícita, representa o elemento decisivo em nossa vida de Irmãozinhos de Maria.

O desafio descrito aqui, porém, supera tudo o que enfrentamos em tempos mais recentes nos programas de planejamento pastoral ou em outros instrumentos úteis para a promoção do trabalho de renovação. Por isso, ao empreender essa reflexão, deixaremos de lado as preocupações organizacionais, por mais importantes que possam parecer, para nos ater às questões de caráter fundacional.

Se conseguirmos responder ao questionamento espiritual inscrito no cerne de nossa identidade – “A quem ou a que entregamos nossos corações?” – tudo o mais referente ao processo de renovação terá sentido: a imagem contemporânea de Maria, o desejo de abraçar a opção preferencial pelos pobres à qual somos chamados, o discernimento quanto à natureza e forma de nosso apostolado e da vida em comunidade e o imediato reconhecimento dos Montagnes de hoje, entre outros.

## TRÊS ASPECTOS IMPORTANTES

Irmãos, no início dessa tarefa de repensar a identidade do Instituto, tenhamos em mente três aspectos.

O primeiro é o reconhecimento que, para atingir nossa meta, nossos corações devem estar abertos à mudança mas, ao mesmo tempo, precisam absorver a melhor herança do passado. Uma renovação genuína jamais o descarta, ainda que procure libertá-lo das armadilhas da história.

O segundo refere-se às distinções existentes entre os conceitos de mudança e de transformação, que são muitas. Enquanto mudança sugere um caráter episódico, transformação constitui um processo que implica continuidade, propiciando a oportunidade para um ajuste psicológico e espiritual a circunstâncias emergentes. Por exemplo, ao introduzir um programa de exercícios físicos em minha rotina diária, promovo uma mudança em minha vida. No entanto, a transformação resultante de tal programa freqüentemente só é visível algum tempo depois, quando a perda de peso e a melhora geral na qualidade de vida tornam-se evidentes tanto para mim quanto para os outros.

O terceiro é a constatação que a peregrinação pela renovação que o Instituto empreende está sendo partilhada por três gerações de Irmãos, pelo menos. Cada uma representa uma experiência singular de nossa Igreja e do mundo. Deixar de levar isso em conta pode causar confusão e uma interpretação equivocada dos sinais dos tempos.

Discutiremos adiante com mais profundidade as diferenças observadas entre as diversas gerações que convivem no Instituto. Por ora, entretanto, cumpre recordar que alguns Irmãos tiveram sua primeira experiência de vida religiosa Marista antes do Vaticano II, outros



# Uma Revolução do Coração

Ir. Seán D. Sammon, S.G.

A simples e freqüente dificuldade de prestar atenção no outro condiciona de forma muito especial qualquer processo que vise à renovação de nosso modo de vida.

começavam sua caminhada durante o período de realização desse Concílio, enquanto outros ainda, só anos depois de sua conclusão.

## UMA LIÇÃO DE HISTÓRIA

A História pode ser um sábio professor, se formos alunos aplicados. Após os períodos de mudança e transformação na história da vida consagrada, três elementos sempre parecem permanecer: a oração, a comunidade e o apostolado. Podem se apresentar sob novas formas, mas de algum modo esperamos que esses três elementos sempre estejam incluídos, não importa o modelo de vida reconhecido como religioso.

Encontramos, em nosso legado, as condições e os recursos para enfrentar o desafio de repensar a vida em comunidade, o modo de louvar o Senhor e nosso apostolado, desde que desenvolvamos o hábito da oração, a capacidade de ouvir e a disposição para agir com coragem e determinação.

No entanto, a simples e freqüente dificuldade de prestar atenção no outro condiciona de forma muito especial qualquer processo que vise à renovação de nosso modo de vida. Deve, por isso, constituir uma das prioridades em nossa convivência. O desenvolvimento dessa capacidade permitirá que cuidemos para não nos cercar apenas de pessoas que sempre concordam com nossos pontos de vista ou para não ler somente aqueles autores que concordam com nossas opiniões e visão de mundo.

De fato, seria muito mais fácil não precisar escolher entre posições diferentes. Se quisermos, porém, atingir uma nova compreensão do Instituto e de sua missão, não podemos fazer apenas o que é fácil, mas sim o que é certo.



## UM ESCLARECIMENTO

Em nome da simplicidade de estilo e de foco, dirijo a Circular aos meus Irmãos no Instituto. Entendo, todavia, que muitos de nossos parceiros leigos podem estar igualmente interessados nessa mensagem, e não pretendo excluí-los. Irmãos, sintam-se à vontade para partilhar essa carta com os leigos, em seu Distrito, Província ou região, bem como para incluí-los nos debates sobre seu conteúdo. Observem que as ‘perguntas para reflexão’ propostas ao final de cada parte são adequadas para os diferentes grupos e realidades locais.

## UM COMENTÁRIO FINAL SOBRE A CIRCULAR

O texto se divide em três partes, cada uma seguida de uma série de ‘perguntas para reflexão’. A Circular pretende ajudar a partilhar intuições e experiências e refletir sobre o tema focalizado: você e eu, os Irmãos integrados na comunidade e no apostolado, juntos com nossos parceiros leigos – enfim, todos nós. Isso dito, passemos em seguida à história que permitirá compor o contexto no qual inseriremos a reflexão sobre a espiritualidade de Marcelino e a identidade de seus Irmãosinhos de Maria.



*Uma Revolução do Coração*  
Ir. Seán D. Sammon, SGC

## PARTE I

### A importância dos contextos

Uma professora da educação infantil deu a seus alunos uma hora para que desenhassem alguma coisa de sua livre escolha como recompensa por sua aplicação. As crianças se encantaram com a sugestão, rapidamente tomaram de papel e lápis de cor e puseram-se a desenhar.

À medida que o tempo passava, crescia na professora a curiosidade para saber o resultado. Passou, então, a andar pela sala acompanhando a produção dos alunos.

Ao observar uma garotinha chamada Luísa, contudo, a professora ficou desconcertada. Embora a criança estivesse o tempo todo trabalhando diligentemente, a educadora não conseguia distinguir o que a menina estava desenhando. Perguntou-lhe, então, o que aquele desenho representava.

“Estou desenhando Deus,” respondeu a menina. A professora, muito surpresa, comentou: “Querida, esse é um projeto muito ambicioso. Ninguém sabe como Deus se parece.” Sem desviar os olhos do desenho, nem vacilar em seu traçado, a pequena Luísa re-



trucou: “Só mais um pouquinho e todo mundo logo saberá!”

Essa é uma expressão de absoluta confiança e certeza. Pois é com tal convicção que deveríamos hoje falar de nossa identidade de Irmãozinhos de Maria e da espiritualidade que herdamos de Marcelino Champagnat.

Um olhar retrospectivo nos leva a reconhecer que, desde o Vaticano II, a verdadeira crise que afetou nosso Instituto, além de outros, não é apenas uma aparente falta de vocações em algumas regiões do mundo. Não, a crise que atingiu tantas ordens religiosas durante as últimas quatro décadas é de identidade e espiritualidade.

Tal constatação nos faz pensar. Enquanto os padres conciliares do Vaticano II enfrentavam o desafio necessário e urgente de definir o verdadeiro lugar dos leigos na Igreja, não foram tão bem sucedidos em sua tentativa de redefinir a natureza e a finalidade da vida religiosa.

Com o passar do tempo, poucos entre nós conservam ainda vivos na memória esse histórico Concílio e o espírito de esperança com que inflamou nossa Igreja. Entretanto, quem de nós ainda se recorda, sabe que nossa identidade de Irmãozinhos de Maria parecia muito mais clara no início do Concílio do que hoje em dia.

Há quarenta anos, por exemplo, em muitos dos países em que servíamos, muitos jovens conseguiam pelo menos nos distinguir como Irmãos. Embora sem ter pleno conhecimento do cotidiano da vida religiosa, certamente nos reconheciam como pessoas especiais e, de maneira geral, observavam que nossa vida era simples, pobre e de evidente renúncia. A promessa de viver as orientações evangélicas de um modo especial – ou mais intenso, diriam alguns – significa aos olhos de



# Uma Revolução do Coração

Ir. Seán D. Sammon, S.G.

muitas pessoas que também abrimos mão de diversas coisas que a maioria delas espera ter: esposa, dinheiro, com o poder de administrá-lo, além de autonomia para tomar certas decisões.

Os tempos, porém, mudaram. Aqueles sinais externos que chegaram a tornar clara e compreensível a identidade de nosso modo de vida – como a batina, a reza diária do terço nas aulas com os alunos ou mesmo um apostolado comum em uma Província ou Distrito – em muitos lugares não são mais visíveis. Continuamos, a despeito disso, a esperar a manifestação de novos sinais que poderiam servir para substituir aqueles que desapareceram. Resultado disso? Para algumas pessoas, em muitas partes onde o Instituto se encontra, o sentido de nossa vida hoje como Irmãos já não é tão nítido, chegando mesmo a ser confuso.

Acrescente-se a essa incerteza quanto à identidade, o fato de nos empenharmos, nesses últimos quarenta anos, em convencer nossos pares na Igreja de que a vida de Irmão não é melhor que qualquer outra forma de viver o Evangelho. Ao mesmo tempo, não conseguimos demonstrar de que modo nossa vida seria especial e marcante.

Atualmente, em alguns lugares, o aumento de nosso consumismo, em contraste com o simples e quase austero estilo de vida que nos marcavam no passado, e os relatos de abuso sexual de crianças por parte de alguns de nossos irmãos compreensivelmente provocaram nas pessoas sérios questionamentos sobre a qualidade e o futuro da vida consagrada em geral, e da nossa vida de Irmãos em particular.

Por isso, muitos Irmãos vêm se dedicando, desde o Vaticano II, a resgatar nossa caminhada na vida religiosa. Há quase quarenta anos estamos à procura de uma identidade renovada e audaciosa que substitua aquela que se perdeu durante o Concílio.

Estamos, porém, distantes de atingir nosso objetivo. A preocupação com o estado da vida religiosa é tal em algumas partes do mundo hoje que Timothy Radcliffe, OP, antigo Mestre (Superior) Geral da Ordem dos Pregadores, compara-nos a ferreiros em um mundo de automóveis totalmente desorientados à procura de alguma utilidade para sua profissão.

### UMA NOTÍCIA DESENCORAJADORA?

Em que pesem esses fatos, não devemos perder a coragem. O historiador da Igreja, John Padberg, SJ,<sup>3</sup> comenta que a vida religiosa atravessou, nos últimos 450 anos no mundo ocidental, três grandes períodos de turbulência. O primeiro ocorreu na Reforma Protestante; o segundo, na época da revolução Francesa; e o terceiro, mais recente, durante os anos seguintes ao Vaticano II.

Serve também de algum consolo o fato que a história da vida consagrada sempre esteve longe da estabilidade, a despeito das descrições de uma evolução pretensamente bem ordenada da vida religiosa desde o tempo de Maria do Egito e Antonio do Deserto até hoje. Ainda que queiramos admitir o contrário, os processos de transformação são sempre vacilantes, confusos e críticos.

### AFINAL, TEMOS FUTURO?

Antes de prosseguir, no entanto, faremos uma breve pausa para nos propor alguns questionamentos incômodos. Primeiro: Acreditamos, você e eu, que é possível uma renovação de nosso modo de vida? Acreditamos sinceramente que os Irmãozinhos de Maria têm futuro, em razão (ou apesar) das mudanças ocorridas nos últimos quarenta anos e das perdas delas decorrentes?



# Uma Revolução do Coração

Ir. Seán D. Sammon, S.G.

As respostas a essas perguntas são muito importantes, pois a energia que nos dispomos a empregar e os riscos a enfrentar durante os próximos anos serão determinados, em grande parte, por elas.

Segundo – e igualmente desconfortável: Estamos, você e eu, de fato comprometidos com o sonho e o carisma de Marcelino Champagnat e estamos dispostos a dedicar uma parcela importante de nosso tempo e nossa energia para realizá-los e assim atender às necessidades de nosso tempo? Nesse caso, se a resposta da maioria for negativa, tanto em palavras como em atos, significará que não precisamos nos preocupar com o futuro do Instituto. Muito provavelmente, ele não irá mais longe do que a atual geração.

Em seu livro *Alice no País das Maravilhas*, o autor Lewis Carroll relata o encontro de Alice com o gato Cheshire. Chegando a uma encruzilhada, e vendo o gato em cima de uma árvore, perguntou-lhe: “Que caminho devo seguir?” O gato respondeu com outra pergunta: “Para onde você quer ir?” “Não sei”, disse Alice. “Então,” retrucou o gato, “pouco importa que caminho você tome.”

Tampouco para nós importará o caminho a seguir, se não fizermos as escolhas imprescindíveis para a formação de uma identidade renovada e arrojada para o Instituto e não nos dedicarmos com afinco à tarefa de renovar nosso modo de vida no futuro.

Só assim ganharemos coragem, pois entre as congregações que viveram um ou mais renascimentos durante o curso de sua história, a presença de uma visão inspiradora guiando o grupo, algumas vozes proféticas entre seus membros e um espírito de esperança visível em suas lideranças encheram os envolvidos da coragem que precisavam para responder generosamente a três desafios:

- Iniciar uma transformação tão profunda de coração que renove nossa vida de fé e nos leve a uma centralidade maior em Jesus Cristo.
- Redescobrir o carisma fundacional do Instituto, emaranhado nas armadilhas da história.
- Encontrar uma resposta transformadora aos sinais dos tempos.

Creio sinceramente que, realizando essas três tarefas, descobriremos que a espiritualidade de Marcelino Champagnat integra o núcleo de qualquer identidade florescente e audaciosa para os Irmãozinhos de Maria. É evidente que o jeito de Marcelino se dirigir a Deus implicará a adoção, hoje, de uma face do século XXI, e não aquela do século XIX. Entretanto, as atitudes e orientações que vierem a se manifestar serão, em sua essência, as mesmas que serviram de referência ao itinerário espiritual do Fundador.

Uma advertência antes de prosseguirmos. Alguns modelos que nos fizeram vibrar no passado podem voltar a nos seduzir em períodos de incerteza. Optar por essa alternativa, contudo, provocará apenas a perda de vitalidade e, em última instância, pode comprometer qualquer possibilidade de futuro.

Vivemos uma transição paradigmática em nosso modo de vida. Quando isso acontece, o conhecimento anterior deixa de ser hegemônico, mas os anseios de revitalização para o Instituto e sua missão ainda não prevalecem plenamente.

As escolhas mais importantes acerca de nossa identidade e nossa finalidade como grupo se projetam no futuro. Uma vez feitas, elas nos mostrarão claramente o custo da filiação a um Instituto e uma missão renovados, permitindo orientar nossas energias para vivê-las em plenitude.



# Uma Revolução do Coração

Ir. Seán D. Sammon, S.G.

Vivemos  
uma transição  
paradigmática  
em nosso  
modo de vida.

## UMA TAREFA COMPLEXA

Devemos admitir, entretanto, que nosso trabalho de renovação se torna mais complicado em razão de determinadas características da época atual e da diversidade de gerações que convivem no Instituto hoje. O presente momento da história, geralmente denominado pós-modernidade, é marcado pela consciência cada vez maior da extrema necessidade de uma imagem mais crível e renovada de Deus. Na abertura do 20.º Capítulo Geral, Benito referiu-se a essa situação confusa como uma “forte crise de fé”.<sup>4</sup>

Sabemos que a realidade em que vivemos não garante a fé. Foi-se o tempo em que era possível contar com a possibilidade de viver em uma cultura cristã ou rodeado de pessoas fervorosas. Pode mesmo ocorrer que alguns Irmãos, desejosos de seguirem uma vida vibrante de fé, não encontrem apoio nem mesmo em nossas comunidades.

No alvorecer do novo milênio, muitos Irmãos desejam que Deus habite o centro de suas vidas. Um Deus com quem facilmente se identifiquem e que garanta profundidade de sentido a suas existências, respondendo a suas preocupações mais urgentes. Um Deus em Quem possam depositar os anseios de renovação da espiritualidade e de construção de uma vida de oração pessoal e em comunidade.

Um outro fato – menos óbvio, mas não menos inquietante – foi a extraordinária quantidade de mudanças imposta às pessoas em muitas nações em desenvolvimento. Com pouco ou nenhum controle sobre tal situação, viram-se repentinamente diante da necessidade de enfrentar essas mudanças no intervalo de apenas uma ou duas gerações, quando nos países desenvolvidos esse tempo abrangia cinco ou seis gerações. Na perspectiva humana e espiritual, o resultado foi muitas

vezes trágico, com a desintegração ou mesmo a completa destruição de muitas culturas indígenas.

Para melhor compreender o tema dessa Circular, portanto, é importante conhecer as características próprias de cada uma das três gerações, pelo menos, que convivem no Instituto atualmente.

Os Irmãos que constituem o grupo mais antigo devem se lembrar como era nosso modo de vida antes das mudanças sísmicas ocorridas durante o Vaticano II e nos anos seguintes. Guardam na lembrança, por exemplo, que foi Pio XII o primeiro em nossa época a lançar um apelo pela renovação da vida consagrada, começando por nos advertir, no final da década de 1950, para que algumas atitudes não adequadas à essência de nosso modo de vida fossem modificadas. Esse grupo de Irmãos, que cultivou durante muitos anos um modo de vida bastante estruturado, traz viva na memória a Missa em latim e reconhece um barrete ou um solidêu.

Um segundo grupo de nossos Irmãos attingia a maturidade quando o Papa João XXIII abriu as janelas para o aggiornamento, não apenas no sentido de renovação, mas convocando, pela primeira vez em 100 anos, um Concílio Ecumênico. Muitos Irmãos dessa geração foram rapidamente colhidos pelo que hoje se costuma denominar modernidade. Abandonaram, assim, certos privilégios e se desfizeram dos símbolos e modos de vida que os separavam do Povo de Deus. As antigas práticas passaram a ser menos comuns, um antigo modo de vida comunitária começou a mudar e muitas rotinas com as quais estavam muito familiarizados foram deixando de existir.

Ao nos desafiar com os mesmos questionamentos sobre a realidade contemporânea que todos nos fazemos, esse grupo transferiu ao Instituto sua experiência



# Uma Revolução do Coração

Ir. Seán D. Sammon, S.G.

de um tempo de perdas, um período importante de interrogação sobre o significado e a intencionalidade de nosso modo de vida. São, pois, testemunhas privilegiadas do fim de uma época na história da Igreja e abençoadas pelo protagonismo que se projeta em um novo tempo.

As perguntas sobre renovação feitas em 2003, porém, já não são as mesmas de 1967 e 1968. Hoje, uma nova geração, pertencente a um mundo completamente desconhecido para nós com mais de 50 anos, acompanha a vida religiosa e o Instituto. Embora não seja uma realidade universal, cada vez mais muitos desses jovens nos procuram sem uma identidade católica segura. Os símbolos que nos edificavam e nutriam nossa fé – como fazer abstinência de carne, jejuar desde a meia-noite até a hora da Eucaristia e as ‘primeiras sextas-feiras’, só para citar alguns – não fazem parte de sua vivência.

Entre os jovens candidatos ao nosso modo de vida, encontram-se os filhos dessa era conhecida como modernidade. Nascidos com os problemas de hoje, é compreensível que queiram respostas a suas próprias perguntas. Procuram sinais bem claros de que integrarão de fato uma congregação religiosa. Desejam pertencer ao grupo, mas ao mesmo tempo se interrogam sobre o que fundamentará sua vida ao assumirem nosso modo desafiador de ser pessoa nos dias de hoje.

Ao falar com nossos jovens Irmãos, logo se descobre que a história do Vaticano II lhes é estranha. Sua referência corresponde ao período que abrange principalmente as décadas de 1980 e 1990, e não os idos de 1960. Quando os jovens desta geração são convidados a recuperar o período pré-moderno, com sua ênfase na tradição, não se sentem motivados a restaurá-lo. Por quê? Certamente porque não se lembram do mundo e da Igreja anteriores ao Vaticano II.

Com tamanha diversidade de experiências, aqueles



que ocupam as lideranças do Instituto hoje não podem desconsiderar a necessidade de uma visão abrangente capaz de incluir todos os Irmãos. Caso contrário, não será possível navegar com segurança no oceano complexo da pós-modernidade.

## DEUS HABITA O CERNE DA IDENTIDADE

O segundo foco dessa Circular — a Espiritualidade de Marcelino — é tão importante quanto o primeiro. Como vimos, o modo do Fundador se relacionar com Deus deve ser o cerne de qualquer identidade renovada para o Instituto e a missão.

Esse tema assume importância crucial se levarmos em conta o que motivou o Capítulo Geral a solicitar à Administração Geral a elaboração de um documento sobre nossa espiritualidade semelhante a ‘Missão Educativa Marista, Um projeto para o nosso tempo’<sup>5</sup>. Com esse recurso à disposição, todos os que compartilham do carisma e do sonho do Fundador – Irmãos, leigas e leigos – poderemos refletir mais profundamente sobre a espiritualidade de Marcelino, para nela fundamentar a nossa.

A expressão ‘Espiritualidade Apostólica Marista’<sup>6</sup> tem sido a mais usada desde 1976. Por uma série de razões, prefiro a expressão ‘Espiritualidade de Marcelino’. Primeiro, porque qualquer reflexão sobre a espiritualidade dos Irmãozinhos de Maria deve começar com nosso Fundador. O tesouro que legou aos primeiros Irmãos e a cada um de nós, com a mediação da Igreja, é único. Bem diferente, por exemplo, daquele de Jean-Claude Colin, cuja influência é evidente na espiritualidade encontrada entre os membros de outros ramos da Sociedade de Maria, porém pouco na nossa.

Segundo, o Testamento Espiritual do Fundador



# Uma Revolução do Coração

Ir. Seán D. Sammon, SG

identifica três elementos que constituem a alma de sua espiritualidade, e portanto dos Irmãozinhos de Maria: o exercício da presença de Deus, a devoção a Maria e confiança em sua proteção e a prática das virtudes da simplicidade e da humildade.

Escrevendo em linguagem apropriada para seu tempo, Marcelino assim descreveu a espiritualidade que recomendava a seus Irmãozinhos de Maria e refletia sua própria pessoa: “Perseverai fielmente no santo exercício da presença de Deus, alma da oração, da meditação e de todas as virtudes. A humildade e a simplicidade sejam sempre as características dos Irmãozinhos de Maria. Uma devoção terna e filial por vossa boa Mãe vos anime em todo tempo e em todas as circunstâncias. Tornai-a amada por todos, tanto quanto vos for possível. Sede fiéis à vossa vocação, amai-a e perseverai nela corajosamente.”<sup>7</sup>

Examinaremos mais adiante os diversos fatores que contribuíram para a maturidade da espiritualidade de Marcelino, sendo o exercício da presença de Deus o mais expressivo. Deus, cuja presença Marcelino viveu e anunciou, não era uma divindade abstrata, mas o próprio Senhor Jesus. O mistério da Encarnação estava no centro de sua espiritualidade e sua trajetória de fé o levaria finalmente à intimidade com Jesus.

Cristo era, pois, a referência nuclear para a espiritualidade do Fundador, assim como Maria, embora de maneiras diferentes. Marcelino depositava plena confiança na proteção de Maria, o que o levava a dizer frequentemente a seus Irmãos: “Com Maria, temos tudo; sem ela, nada”. O nome de Maria era importante para o Fundador. Segundo o entendimento que o Fundador tinha de nossa fé, tanto Jesus quanto Sua Mãe constituíam o mistério da Encarnação. Portanto, pode-se afirmar que sua espiritualidade era verdadeiramente “encarnacional” e também incondicionalmente

mariana.

A virtude marcante de Marcelino era a simplicidade. Seu jeito direto, entusiasta e confiante transpirava grande humildade. Ninguém jamais o descreveu como uma pessoa pretenciosa. Essas mesmas virtudes, que hoje atraem tantas pessoas na Igreja, aconselhava a seus Irmãos. A espiritualidade transparente de Marcelino expressava, pois, um cristianismo prático, com o poder de nos transformar, assim como nosso mundo.

Às vezes nos surpreendemos ao descobrir o quanto alguns aspectos da espiritualidade de Marcelino são assimilados por nós. Eu, por exemplo, entre o meu primeiro e segundo períodos como Provincial, decidi fazer um retiro de trinta dias em um centro de espiritualidade na costa de Massachussetts.

Meu diretor espiritual era um experiente padre Jesuíta chamado Tom. Pusemo-nos logo a trabalhar, encontrando-nos regularmente durante a primeira semana, à medida que entrava no ritmo do retiro.

No início da segunda semana, contudo, Tom fez um comentário inesperado durante a sessão de trinta minutos de direção: “Você não está conseguindo fazer os tradicionais Exercícios Inacianos,” argumentou. “Maria está presente demais em sua espiritualidade.” Imaginando que esse comentário poderia ser uma crítica velada, perguntei-lhe o que significava. “Está muito claro,” disse. “Afim, você é Marista, não Jesuíta.” A partir daí, passamos o resto do retiro vendo o mundo e a Palavra de Deus pelos olhos de Maria. Quando o mês terminou, senti que aquele fora o retiro mais marcante e eficaz de toda minha vida. Há, pois, uma série de razões que me levam a propor a ‘Espiritualidade de Marcelino’ como tema dessa Circular.



# Uma Revolução do Coração

Ir. Seán D. Sammon, S.G.

Que preço  
nosso Instituto  
e nossa missão  
precisam  
pagar para optar  
pela vida  
e pelo futuro?  
Nada menos  
do que  
uma revolução!

## O 20.º CAPÍTULO GERAL

A comissão de preparação do 20.º Capítulo Geral, buscando garantir ao tema central um fundamento bíblico, escolheu uma passagem do Deuteronômio (capítulo 30). Nesse trecho, Yahweh propõe uma escolha aos Israelitas: vida e futuro, ou morte e destruição. Em algumas partes do Instituto, enfrentamos hoje semelhante opção: ou abraçamos corajosamente o futuro, ou nos apegamos temerosamente ao passado.

Que preço nosso Instituto e nossa missão precisam pagar para optar pela vida e pelo futuro? Nada menos do que uma revolução! Uma revolução do coração à qual convido todos os Irmãos. O que posso prometer é muito trabalho, mais uma dieta de auto-sacrifício. Em compensação, teremos a oportunidade de participar do renascimento do Instituto e da missão. Isso mesmo: a possibilidade de tomar parte do renascimento do Instituto e da missão que tanto amamos!

## PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

1. Em seus momentos de recolhimento, que pensamentos lhe ocorrem sobre o futuro do Instituto e da missão? Você acredita que haverá um futuro para eles ou está preocupado com o que nos espera? O que justifica essa reação?
2. Cite alguns obstáculos importantes para o renascimento de nosso modo de vida e da missão em sua região, Província, Distrito ou comunidade. Que iniciativas estão a seu alcance para reduzir a influência ou a força desses obstáculos?
3. Nesse mesmo sentido, que elementos em você podem servir de obstáculos a esse renascimento? O que você pensa poder fazer para superá-los?
4. Por outro lado, que virtudes ou ações pessoais você pode mobilizar para renovar nossa vida e nossa missão em sua região, Província, Distrito ou comunidade? O que mais você pode fazer para incrementar essas forças renovadoras?
5. Faça algumas considerações sobre sua espiritualidade. De que modo você descreveria seu relacionamento com Jesus Cristo e com Maria a um amigo que lhe perguntasse qual o lugar que ocupam em sua vida?

**Observação:** Encontre um lugar sossegado onde você possa pensar nessas perguntas. Faça isso em um momento de recolhimento. Pegue um bloco de anotações e uma caneta ou lápis e anote todos os pensamentos, sentimentos e intuições que julgar importantes. Considere em seguida a possibilidade de conversar com outra pessoa que também tenha feito essa reflexão. Essas anotações podem lhe valer durante essa conversa, ou mesmo quando você quiser conferir o fruto de suas reflexões.

## PARTE II

### Considerações sobre identidade

**T**odos os dias ao pôr do sol, um Rabbi caminhava pela cidade onde vivia, atravessando-a de uma ponta à outra. Essa rotina diária lhe dava tempo para meditar, enquanto acompanhava a movimentação dos habitantes.

Alguns ricos proprietários que moravam nos arredores da cidade habitualmente contratavam vigias para guardar suas propriedades à noite. Certa feita, o Rabbi abordou um desses vigias e perguntou-lhe o nome do patrão. A resposta foi um nome que conhecia bem.

Para surpresa do Rabbi, porém, imediatamente o vigia lhe devolveu a mesma pergunta. Isso o desconcertou. Mas então não era evidente para todo mundo na cidade que trabalhava para o Mestre do Universo? O Rabbi demorou em responder. Reacomodando-se da surpresa, finalmente comentou: “Sinto dizer, mas não tenho certeza de que realmente trabalho para alguém. Sou apenas o Rabbi dessa cidade.”

Depois de algum tempo, o Rabbi perguntou ao vigia:

“Você não quer trabalhar para mim?”



“Sim, quero”, consentiu o vigia. “Mas quais serão minhas obrigações.”

O Rabbi lhe disse: “Sua única obrigação será sempre me lembrar para quem trabalho, quais são minhas obrigações e por que estou aqui. Só isso.”

Moral da história? Como Irmãozinhos de Maria, considerando os quase quarenta anos de empenho pela renovação, tenderíamos a concluir que somos o Rabbi da fábula, sempre precisando que nos recordem para quem trabalhamos. No entanto, nosso lugar é entre aqueles que estão de vigia. Fomos chamados a viver na fronteira, como memórias vivas da Igreja para lembrá-la constantemente da sua identidade. Esse é nosso papel profético.

## **O SIGNIFICADO DE IDENTIDADE**

O que significa identidade? No âmbito pessoal, é a consciência que cada um tem de si e do mundo em que vive. A identidade de um grupo ou instituição sugere um significado semelhante. Uma organização com identidade marcante oferece uma resposta imediata e convicta quando perguntada sobre o que representa. Assim como a identidade de uma pessoa a torna única e singular, a de um Instituto religioso ajuda seus membros a responderem quem são e o que mais tem valor para eles.

Para formar uma identidade, um Instituto religioso deve principalmente explorar com honestidade as opções de que dispõem. E é exatamente isso que temos feito como grupo desde o Vaticano II. À luz de nosso carisma, e atendendo aos apelos da Igreja e do mundo diante das novas realidades e necessidades, temos honestamente nos interrogado que modo de ser no mundo fomentará uma dependência radical em Deus e favorecerá a missão de Jesus.



# *Uma Revolução do Coração*

Ir. Seán D. Sammon, S.G.

Assim como acontece quando se enfrenta o desafio da formação de uma identidade pessoal, também na formação da identidade de um Instituto é inevitável a ocorrência de crises depois do processo inicial de exploração. E nas últimas quatro décadas, como Instituto, aprendemos duas difíceis lições: esse processo produz crises e quanto mais as ocultamos mais tendem a ocorrer.

No entanto, a etapa decisiva para qualquer Instituto implica necessariamente assumir compromissos – mais uma vez exatamente como ocorre na formação da identidade de uma pessoa. Para vencer os períodos de exploração, mudança e transição, portanto, é preciso fazer escolhas. E após avaliar as arriscadas, porém promissoras, possibilidades, impõe-se-nos escolher o lugar, os pontos de vista e o modo de vida com os quais nos comprometemos. Se pretendemos renovar a identidade do Instituto e da missão, não nos resta outra alternativa senão enfrentar esse processo de avaliação e escolha.

## **AS FONTES DE PROBLEMAS PARA NOSSA IDENTIDADE**

Você deve estar curioso para saber as origens da confusão sobre a identidade da vida consagrada contemporânea. Pois voltemos nossos olhos para o Vaticano II. Para muitos, as decisões tomadas nesse histórico encontro, embora necessárias e oportunas, representaram o fim de um fundamento ideológico que sustentou nosso modo de vida durante séculos.

Do início da Idade Média até o Vaticano II, a maioria dos católicos aceitava sem discussão a organização dos fiéis na Igreja em três níveis hierárquicos: primeiro, os clérigos; em seguida, os religiosos; e finalmente, os leigos. Muitos Irmãos com mais de 50 anos de idade, por exemplo, lembram bem que a vida sacerdotal era considerada a ‘vocação superior’.

A vida consagrada vinha em segundo lugar. Um tipo de entendimento muito comum sustentava que apenas os religiosos com votos podiam atingir a perfeição espiritual. O laicato, infelizmente, ocupava um distante terceiro lugar. Muitos leigos e leigas, por não terem vocação ao sacerdócio ou à vida religiosa, sentiam-se cidadãos de segunda classe em sua própria Igreja.

O Concílio Vaticano II alterou a ordem dessa hierarquia. “A vida consagrada,” declararam os conciliares, “do ponto de vista da natureza divina e hierárquica da Igreja, não [deveria mais] ser considerada um caminho intermediário entre os estados de vida clerical e laica. [Deveria porém] ser reconhecida como um modo de vida ao qual alguns cristãos são chamados por Deus, tanto do clero quanto do laicato.”<sup>8</sup>

Percebe-se, com esse olhar retrospectivo, que os participantes do Vaticano II assumiram decididamente a urgente e necessária tarefa de redefinir o lugar dos leigos na comunidade eclesial. Não foram, contudo, tão bem sucedidos na tentativa de redefinir com clareza a natureza e a finalidade de nosso modo de vida. O documento *Perfectae Caritatis*, por suas circunstâncias de dificuldade e complexidade, não teve êxito em oferecer aos religiosos e religiosas o mesmo tipo de pensamento teológico que a *Lumen Gentium* propôs em relação ao laicato.

Em tempos mais recentes, João Paulo II anuncia, em *Vita Consecrata*, que cada um dos estados fundamentais de vida na Igreja expressa algum aspecto do mistério de Cristo. Cabe aos leigos, por exemplo, responder pela missão de garantir a proclamação do Evangelho em âmbito temporal.

Já a vida religiosa – entendida como o reflexo do modo de vida do próprio Cristo – assume, nas palavras do Papa, a responsabilidade de anunciar a natureza sagrada do Povo de Deus. Deve proclamar, e de certo



# Uma Revolução do Coração

Ir. Seán D. Sammon, SG

modo alimentar, a esperança pelo tempo em que o reino de Deus se realizará. É a expressão mais completa da finalidade da Igreja: a santificação da humanidade.

Os padres conciliares, como vimos, identificaram apenas dois estados de vida na estrutura da Igreja: o clero e o laicato. Já *Vita Consecrata*, mesmo com algumas lacunas, recordou que há, na experiência da Igreja, três estados: o laical, o clerical e o religioso. Dessa forma, a vida consagrada voltou a encontrar um lugar na Igreja e as condições para se poder repensar nesse novo milênio. Mas a história não termina aí. Na seqüência, faremos uma breve revisão dessa jornada de quarenta anos de redescoberta de nosso modo de vida.

## DESAFIOS INÉDITOS PARA OS RELIGIOSOS IRMÃOS<sup>9</sup>

Na qualidade de Irmãos, enfrentamos alguns desafios adicionais e inéditos em nossas tentativas de formar uma nova identidade pós-Conciliar. Inicialmente, sofremos uma perda de sentido superior àquela de nossos coirmãos ordenados durante o turbulento período seguinte ao Concílio Vaticano II. Com o intuito de garantir estabilidade e um sentido de identidade, muitos deles agarraram-se imediatamente a seu ministério sacramental.

Além disso, nossa vocação sempre confundiu muitos católicos. Alguns continuam convencidos de que ‘treinamos para ser padres’, enquanto outros de que fracassamos exatamente nessa tentativa.

Atualmente, no entanto, nossa vocação de Irmãos passou a confundir até mesmo alguns de nós. Há pouco tempo, por exemplo, abandonamos certos sinais externos que no passado permitiam às pessoas distinguirem um Instituto religioso do outro. Da mesma forma, em algumas Províncias e Distritos, nosso afastamento

do que muitos consideravam ser nosso apostolado tradicional, para assumir aqueles mais coerentes com as necessidades dos novos tempos, produziu reação semelhante.

O resultado é que somos bem menos visíveis hoje em algumas sociedades e culturas em que nos encontramos e bem mais homogêneos em relação a outras congregações religiosas. Não é de admirar, pois, nosso embaraço diante da tarefa de repensar, teórica e teologicamente, um papel diferente para nós mesmos como Irmãos na comunidade eclesial.

Ocupamos uma posição que nos permite dar importante contribuição para a discussão do apostolado da Igreja hoje. Nossas vozes, contudo, com frequência permaneceram estranhamente caladas. Por que motivo? Talvez por serem necessários canais mais oportunos e eficazes que possibilitem compartilhar melhor nossa experiência.

Como Instituto, evangelizamos prioritariamente pela educação. Geralmente, as organizações em que servimos operam independentemente da Igreja local. E com muita frequência, quando o superior eclesiástico local nos dá sua permissão, ele o faz nos dando liberdade para organizar e orientar as atividades de acordo com as tradições e práticas Maristas.

Envolvidos pelas preocupações cotidianas, próprias de qualquer escola ou instituição, acabamos submetidos a uma rotina que pode nos afastar das preocupações da Igreja local. Depois de um certo tempo, descobrimos que os canais de comunicação disponíveis para nos ajudar na partilha de nossa experiência e intuições sobre o apostolado diminuem sensivelmente.

Finalmente, como acontece com os Irmãos de outros Institutos, nosso grupo apresenta um caráter pragmáti-



# Uma Revolução do Coração

Ir. Seán D. Sammon, S.G.

co. Antes do Vaticano II, essa característica nos servia muito bem. Como tínhamos certeza do que se esperava de nós quanto aos votos, à vida em comunidade e à nossa obra, dávamos conta da tarefa primordial: nosso apostolado junto aos jovens.

Esse sistema estável de significação repentinamente entrou em colapso durante a década de 1960. Nos anos que se seguiram, alguns Irmãos tentaram promover uma reviravolta em seu trabalho, mas sem o entendimento anterior ao Vaticano II. Mesmo hoje em dia, alguns continuam inseguros quanto ao verdadeiro sentido dos votos e da vida em comunidade e da forma e natureza de nossa espiritualidade.

Essa dificuldade em compreender o abalo sofrido por nosso sistema de significação, causou e calou alguns ressentimentos. Evidentemente, a superação desses sentimentos, que muitos Irmãos interiorizaram durante essas quatro décadas, com certeza será dolorosa à medida que agora forem se resolvendo.

## UM CAPÍTULO GERAL ESPECIAL

Entre 1967 e 1968, seguindo as orientações do Vaticano II, foi realizado um Capítulo Geral em nossa Casa Generalícia em Roma. Uma revisão nos documentos que os Irmãos capitulares produziram nessa ocasião deixa bastante evidente que tudo foi analisado no esforço de atender aos desafios do Concílio para a renovação do Instituto. Percebe-se também imediatamente que, em meio às muitas páginas produzidas, os participantes do 16.º Capítulo Geral já começavam a enfrentar a questão da identidade.

Os Irmãos que se dirigiram ao 17.º Capítulo Geral, em 1976, igualmente discutiram o tema da identidade. Fizeram-no, porém, sob circunstâncias muito diversas

daquelas do grupo reunido nove anos antes. Em alguns Distritos e Províncias, os Irmãos estavam assustados com a quantidade de pedidos de dispensa na seqüência do Concílio e do 16.º Capítulo Geral.

De qualquer maneira, na conclusão do 17.º Capítulo Geral, os Irmãos capitulares divulgaram a seguinte mensagem sobre identidade, integrante do relatório geral desse encontro:

“A identidade Marista é um problema relacionado à própria identidade da vida religiosa. E a identidade da vida religiosa é profundamente influenciada pelo contexto do mundo contemporâneo, principalmente no que se refere ao questionamento dos valores até recentemente predominantes. Há, pois, uma falta de unidade entre os diferentes elementos que constituem a vida religiosa, mas essa falta não é, em princípio, uma questão moral. É um fenômeno muito semelhante com o de um sistema biológico que, seriamente enfraquecido por uma doença, está em busca de um novo equilíbrio.”<sup>10</sup>

## **O CONTEXTO DAS PRIMEIRAS TENTATIVAS DE RENOVAÇÃO**

Como vimos, as primeiras tentativas de renovação do modo de vida Marista e de nossa missão não aconteceram em um vácuo cultural e social. Em verdade, por terem ocorrido na década de 1960 e no início dos anos 1970, emergiram durante um período especialmente turbulento de agitação social e política em várias partes do mundo. Os movimentos de independência no continente africano, por exemplo, deram início ao nacionalismo e a uma nova ordem política.

Em muitos países desenvolvidos, os anos 1960 e 1970 foram particularmente marcados por uma série de movimentos que exigiam mais liberdade civil, política e



# *A Revolution of the Heart*

sexual. Disso resultou uma ênfase maior nos direitos individuais e um progressivo descrédito em quase todas as formas de autoridade.

Nos anos que se seguiram ao Vaticano II, muitos Irmãos passaram a dar maior prioridade à realização pessoal e a prestar muito mais atenção nos princípios da psicologia e do desenvolvimento humano. Para a maioria, esse conhecimento foi pessoalmente útil, bem como para a reformulação dos programas de formação inicial e permanente. Para alguns, no entanto, resultou em um excesso de auto-afirmação e na diminuição do espírito de generosidade, tão peculiar de nosso jeito de ser.

Finalmente, em algumas partes do mundo, o processo de desconstrução – o dismantelamento das estruturas familiares e institucionais – coincidiu com a grande turbulência na Igreja pós-Vaticano II. Essa situação provocou confusão entre formas emergentes de vida religiosa com antigas práticas até então aceitas.

Mais recentemente, alguns Irmãos notaram que, à medida que o ‘claustro’ foi se esvaziando, algumas ideologias insidiosas começaram a invadi-lo – como o individualismo, o materialismo, o consumismo e novas idéias sobre sexualidade e relacionamentos, para citar apenas algumas –, confrontando-se com os valores que até então orientavam a vida religiosa. Foi nesse contexto radical e vertiginoso de mudanças que começamos, com outros Institutos, o trabalho de adaptação de nossos grupos às realidades e necessidades da Igreja e do mundo do final do século XX.

## **UMA NOVA IDENTIDADE PARA OS IRMÃOZINHOS DE MARIA**

Os Capítulos Gerais, desde o Vaticano II, deixaram muito claro que, para a formação de qualquer nova

identidade para nosso Instituto, é preciso prestar atenção em três áreas: a oração, o apostolado e a vida comunitária. O último Capítulo Geral também nos encorajou a partilhar essa tarefa com os leigos Maristas, ansiosos por definirem sua identidade e demonstrando um vivo interesse pela missão Marista e pela espiritualidade de Marcelino.

O 20.º Capítulo Geral destacou, das formas mais diversas, que a espiritualidade é o ponto de partida para um genuíno anseio de renovação. É possível mudar o tipo de trabalho, o lugar e as comunidades. Contudo, tudo isso não passará de ‘tratamento tópico’ se não transformarmos os corações.

Em duas próximas Circulares pretendo tratar os temas da vida comunitária e da nossa missão e apostolado, bem como sua relação com nossa identidade. Na sequência dessa Circular, porém, concentrar-me-ei naquilo que muitos Irmãos – eu incluído – consideram a pedra angular da formação de qualquer nova identidade para o Instituto: a espiritualidade de Marcelino. Se desejarmos sinceramente empreender uma revolução do coração, então é por ela que devemos começar.



# Uma Revolução do Coração

Ir. Seán D. Sammon, SG

## PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

1. Como você responderia a um aluno, leigo ou colega que lhe perguntasse: Quem são os Irmãozinhos de Maria? O que eles mais almejam na vida?
2. O nosso modo de vida Marista é invisível em seu país, Distrito ou Província? Se esse é o seu caso, como você reage a tal situação? E se isso o incomoda, o que você pode fazer para remediar?
3. Você concorda que a oração, o apostolado e a comunidade são essenciais à nossa identidade pessoal de Irmãozinhos de Maria? Em caso afirmativo, diga por que. Em caso negativo, que elementos você reconhece como essenciais para uma identidade corporativa para nosso Instituto?

**Observação:** Encontre um lugar sossegado onde você possa pensar nessas perguntas. Faça isso em um momento de recolhimento. Pegue um bloco de anotações e uma caneta ou lápis e anote todos os pensamentos, sentimentos e intuições que julgar importantes. Considere em seguida a possibilidade de conversar com outra pessoa que também tenha feito essa reflexão. Essas anotações podem lhe valer durante essa conversa, ou mesmo quando você quiser conferir o fruto de suas reflexões.



### PARTE III

## A espiritualidade de Marcelino e uma identidade contemporânea para os Irmãozinhos de Maria

**D**urante certo período na história da Igreja, um entendimento comum sustentava que a maior parte da humanidade estava destinada à condenação eterna. Para fortalecer tal noção, seus divulgadores omitiram um fato de suma importância, e que São Paulo denominava o ‘escândalo do Mistério Pascal’. Essa convicção de que muitas pessoas passariam a eternidade no inferno, entretanto, exerceu grande influência na crença e nas práticas de algumas gerações de católicos.

Cada um de nós, em certa medida, é fruto de seu tempo. Os cristãos que viveram durante o período descrito acima não podiam deixar de ser influenciados pelo pensamento e pelos costumes de sua época. Isso não é menos verdade em relação a Marcelino Champagnat. O período da história em que nasceu e viveu, bem como suas circunstâncias, tiveram profunda influência sobre seu desenvolvimento pessoal e espiritual.

No início do século XIX, na França, a Igreja enfrentou, como hoje, uma crise de inovação. O mundo mudara rápida e profundamente, e a resposta da Igreja a

essa situação precisava ser criativa e hábil. E foram pessoas como o Fundador que, no fim das contas, tomaram a iniciativa de dar a resposta.

## **A INFLUÊNCIA DO CONTEXTO E DAS PESSOAS**

Marcelino cresceu no município de Marlhés, uma região em que se cultivava uma fé profunda. A população local proclamava São Francisco Régis como patrono, transformando seu túmulo em centro de peregrinação. Este santo marcou muito o Fundador e influenciou de modo especial sua formação espiritual.

Sua mãe, Marie Thérèse, e sua tia Louise, Irmã de São José, foram as pessoas que despertaram a vida espiritual do menino. Seu exemplo e orientação foram fundamentais. Delas aprendeu as práticas espirituais e recebeu a herança religiosa da região montanhosa onde nasceu.

O pai de Marcelino também representou uma influência importante em sua formação. Jean-Baptiste Champagnat – funcionário público, pensador e revolucionário, comerciante e fazendeiro – passou para o filho algumas de suas competências e virtudes, tais como a diplomacia, o discernimento, a compaixão pelos outros, um certo tino comercial e habilidades profissionais.

De início, a devoção do Fundador a Maria formou-se nas práticas religiosas e na teologia da França do final do século XVIII e início do XIX. Ele viveu no distrito marial dos bispos Pothin e Irenaeus e em um país influenciado pelos escritos de mariologistas como Olier e Grignon de Montfort.



# *Uma Revolução do Coração*

Ir. Seán D. Sammon, SGC

## **UMA ESPIRITUALIDADE EM DESENVOLVIMENTO**

Em “Avis, Leçons, Sentences et Instructions” (capítulo 23)<sup>11</sup>, o autor descreveu os cinco estágios que constituiriam a vida religiosa, cada um com seus desafios próprios: da docilidade, do compromisso dos votos, da certeza do caminho a seguir, da insatisfação com os resultados e da opção entre a decadência e a santidade. A espiritualidade de Marcelino Champagnat também se desenvolveu em estágios espirituais, segundo um processo de conversão que marcou o estreitamento de seu relacionamento com Deus. O Fundador, que não nasceu santo, empenhou toda sua vida nesse sentido.

No começo, Marcelino priorizou a autodisciplina, atingindo-a mediante uma programação bem delineada de oração e penitência. Esse regime também era seguido em suas férias do seminário e em seu tempo de jovem sacerdote em La Valla.

O rigoroso horário de práticas ascéticas do Fundador começava com o despertar às 4h da manhã, seguido de uma meditação de meia hora. A Missa diária era precedida de 15 minutos de oração em profundo recolhimento. Embora o trabalho paroquial recebesse dele plena dedicação, ainda conseguia reservar ao menos uma hora por dia para o estudo de teologia. Jejuava toda sexta-feira e visitava regularmente os doentes da sua paróquia. Esses exercícios de autodisciplina, oração e penitência, adotados pelo Fundador para estreitar seu relacionamento com Deus, constituem parâmetros importantes para o aprofundamento de nossa vida espiritual.

À medida que o relacionamento de Marcelino com Deus se estreitava, crescia sua fidelidade às regras, que passaram a representar um guia de vida para o Fundador. Elas o ajudaram em seu autocontrole e no desenvolvimento de uma grande serenidade espiritual. O



bom senso e o discernimento – além da influência que o rigorismo, muito mais do que o jansenismo, exerceu sobre seu pensamento – permitiram-no superar o legalismo e a rigidez peculiares à teologia moral dos seminários franceses no início do século XIX.

O exercício da presença de Deus tornou-se então o cerne da espiritualidade na vida de Marcelino. O progressivo estreitamento de seu relacionamento com Jesus e Maria, no entanto, não foi fácil. De fato, o jovem sacerdote enfrentou muitas dificuldades nesse processo.

## **O AMOR A DEUS COMO FUNDAMENTO**

O Fundador atingiu finalmente um estágio em que construiu sua espiritualidade sobre uma base muito sólida: o amor a Deus e ao próximo. Marcelino amava a Deus em Sua natureza humana. Sociável por temperamento, Marcelino também amava as pessoas e gostava de ficar com elas. O Fundador, consciente de que Deus se revela nas pessoas e nos acontecimentos da vida, entendia que o relacionamento com as pessoas era um dos meios para se poder estabelecer um relacionamento amoroso com Deus.

## **APOIO PARA A TRAVESSIA**

Alguns momentos de crise no início da vida de Marcelino – como sua dispensa do seminário ao final do primeiro ano, a morte súbita de seu amigo Denis Duplay no dia 2 de setembro de 1807 e uma conversa com o supervisor do seminário, Padre Linossier, sobre a necessidade de melhorar sua conduta – serviram-lhe de apoio, como pedras à guisa de ponte improvisada na travessia de um riacho, em seu itinerário de conversão pessoal.



# Uma Revolução do Coração

Ir. Seán D. Sammon, SG

Há poucas dúvidas de que a morte da mãe de Marcelino, Marie Thérèse, em 1810, também contribuiu para provocar mudanças em sua espiritualidade. Ela teve participação fundamental em sua opção vocacional e representou um apoio crucial durante o período de formação no seminário. Assim escreveu em 1809: “Meu Senhor e meu Deus, prometo não mais ofendê-lo, praticar atos de fé e esperança, nunca mais voltar à taverna sem necessidade, evitar as más companhias e levar outras pessoas a praticar a virtude”. Sabemos que, um ano depois, ele continuava seu esforço para cumprir essas resoluções.

Durante o processo de formação como sacerdote, Marcelino foi se entregando ao poder da graça transformadora de Deus. O Senhor, então, valeu-se da humanidade do Fundador para orientar sua mente, seu coração, seu espírito e suas energias, inculcando-lhe um sentido primordial: amar a Jesus e ajudar os outros a também amá-lo.

Irmãos, podemos chamar isso de ‘cristianismo prático’, na falta de melhor denominação. Mas o que de fato importa aqui é destacar que Marcelino expressou uma espiritualidade encarnada. Aprendeu, com sua vivência, que uma autêntica espiritualidade nasce no lugar e nas circunstâncias próprias de cada um. Quando o Fundador atingiu a maturidade da vida, cada pessoa que encontrava se tornava para ele a imagem do Salvador ressuscitado, a quem ele conheceu e amou tanto.

## **ESPIRITUALIDADE DEFINIDA**

Até aqui tudo parece muito claro, você poderia dizer. Mas como é possível vivermos hoje, você e eu, a espiritualidade do Fundador? Afinal, estamos falando de um homem de seu tempo, cuja busca de Deus foi influenciada pelas circunstâncias de sua vida e pelos

acontecimentos de uma época. Ora, também não sofreria, nosso modo de viver a espiritualidade de Marcelino, a influência de nossa época na história e das tradições e costumes de nossos países e culturas, além de tantos outros fatores?

Logo voltaremos a analisar atentamente as três características mais importantes da espiritualidade do Fundador como se apresentam em seu Testamento Espiritual: sua prática da presença de Deus, a confiança em Maria e em sua proteção e as virtudes da simplicidade e da humildade. Antes, porém, cumpre definir alguns conceitos para a elaboração de um contexto contemporâneo em que seja possível inserir, mais adiante, a discussão sobre a espiritualidade de Marcelino.

“O que se entende por espiritualidade?”, alguém pode estar perguntando. Vou responder contando a história de um jovem que desejava atingir um alto grau de santidade. Ele se empenhou bastante para conseguir realizar isso, e finalmente foi conversar com seu Mestre.

“Mestre,” anunciou, “creio que atingi a santidade.”

“O que o faz pensar assim?” perguntou o Mestre.

“Já estou praticando a virtude e a disciplina faz algum tempo e desenvolvi uma grande competência nas duas,” respondeu o rapaz. “Do amanhecer ao pôr do sol não como nem bebo coisa alguma. Durante o dia, realizo todo tipo de trabalho pesado para os outros e nunca espero retribuição. Se a tentação me ataca, rolo na neve ou nos arbustos espinhosos até que desapareça. E à noite, antes de dormir, submeto-me a antigas práticas de flagelações monásticas e açoito minhas costas. Estou decididamente me disciplinando para ser santo”.

O Mestre ficou em silêncio alguns instantes. Em se-



## Uma Revolução do Coração

Ir. Seán D. Sammon, S.G.

Nosso modo de viver a espiritualidade de Marcelino, não sofreria a influência de nossa época na história e das tradições e costumes de nossos países e culturas?

guida, tomou o rapaz pelo braço e o conduziu até a janela de seu escritório. O Mestre apontou então para um velho cavalo no campo que estava sendo conduzido por seu dono. “Venho observando esse cavalo há algum tempo,” começou o Mestre, “e tenho percebido que não se alimenta nem bebe nada de manhã à noite. Durante o dia inteiro faz todo o trabalho para as pessoas, que nunca lhe retribuem isso. Sempre o vejo se esfregar na neve e nos arbustos, como é costume dos cavalos, e observo que o dono o chicoteia com frequência. No entanto, eu lhe pergunto: esse cavalo por acaso é santo?”

Moral da história? Espiritualidade significa muito mais nossa gratidão generosa pelo dom do amor incondicional de Deus do que qualquer prática piedosa. Ademais, a gratidão desinteressada é o fundamento de toda virtude. É base do amor e da caridade. Marcelino, que entendeu bem esse fato, convida-nos a fazer como ele.

Embora isso seja difícil para muitos Irmãos aceitarem, um dos dons da atualidade é a compreensão cada vez maior de que espiritualidade é muito mais o fogo perene que deve arder em nós do que uma subida vertiginosa na escada das virtudes. Exercícios de piedade, sem paixão, não nos sustentam muito tempo.<sup>12</sup>

Muitos Irmãos alegam ter paixão de sobra. Aditem, também, que essa energia propulsora é o núcleo da experiência humana que alimenta o amor, a criatividade e a esperança que trazemos em nós. Mas frequentemente relutam em admitir que a paixão é inerente à espiritualidade.

Não será essa hesitação fruto da constatação de que a paixão, por se manifestar de maneiras tão diversas, nos assusta? Ademais, às vezes a sentimos mais como inquietação, ou como uma espécie de desejo que confundimos com insatisfação. Tal concepção de paixão nos incomoda e nos frustra bastante. Mas, em última análise, o que é espiritualidade senão o que fazemos

com paixão?

## UMA CONCEPÇÃO DIFERENTE DE ESPIRITUALIDADE

Esse significado de espiritualidade não corresponde ao que a maioria de nós aprendeu durante os anos de formação ou na maior parte dos programas de renovação de que participamos. Com frequência, fomos levados a acreditar que, para sermos aceitos por Deus, deveríamos nos submeter meticulosamente a uma escala de virtudes. No entanto, não é verdade que qualquer iniciativa de relacionamento com Jesus ocorre mais por iniciativa Dele do que nossa? Teresa de Ávila sempre dizia para as pessoas que pediam seus conselhos sobre vida espiritual que, quando lhes faltassem palavras para orar, deveriam simplesmente entrar na capela e sentar-se diante do Santíssimo Sacramento para que o Senhor pudesse olhar para elas com amor.

Nosso anseio por Jesus nada mais é do que o reflexo de Seu anseio por nós. Mas, ao contrário do que aconteceu com Teresa e Marcelino, poucos entre nós acreditam que Deus nos ama de uma maneira assim tão incondicional. Sim, com certeza vivemos repetindo “Deus me ama incondicionalmente”. Contudo, a palavra ‘mas’ sempre é colocada no lugar onde deveria estar o ponto final da frase. Nesse caso, precisamos nos questionar por que sempre tentamos submeter o amor de Deus, transformando dádiva em objeto de troca. Nessa vida, nós mesmos somos o obstáculo no caminho da aceitação do amor incondicional de Deus.

## ELEMENTOS DA VIDA ESPIRITUAL

Os santos e místicos que nos precederam vieram a compreender e aceitar o grande amor que Jesus lhes dedi-



# Uma Revolução do Coração

Ir. Seán D. Sammon, S.G.

As três características mais importantes da espiritualidade do Fundador: sua prática da presença de Deus, a confiança em Maria e em sua proteção e as virtudes da simplicidade e da humildade.

cava. Todas as pessoas de fé devem fazer essa jornada rumo ao discernimento. E o que isso exige? Inicialmente, que aceitemos Jesus como a resposta à pergunta que a vida de todo ser humano constitui. Marcelino entendeu essa parte da Boa Nova. E foi precisamente tal aspecto que os Irmãos do 20.º Capítulo Geral destacaram no anúncio dos cinco apelos que representam o cerne da ‘Mensagem’ do 20.º Capítulo Geral. Meu relacionamento com Jesus habita o centro de minha vida. Isso quer dizer concretamente que sempre lhe reservo um tempo especial e deixo que Ele se manifeste em sua plenitude, como aliás faço com qualquer relacionamento importante em minha vida.

Como já disse, nossas vidas espirituais se desenvolvem em estágios, e tanto você quanto eu devemos ser pacientes conosco mesmos. Alguns diretores espirituais, por exemplo, comparam a graça da consolação encontrada em nosso relacionamento com Jesus com a água brotando em um poço quase transbordando. No início desse relacionamento, ainda jovens e fortes, facilmente conseguimos tirar água dele, contando exclusivamente com nossa própria força. Temos, então, toda a consolação de Deus à disposição. Fica bem claro, entretanto, que os responsáveis pela tarefa somos nós, não Jesus.

Com o passar do tempo, porém, o nível da água diminui. Mas ainda temos força suficiente para, com grande empenho, continuar a lançar o balde e conseguir toda a graça da consolação de Deus. Mas o controle segue sendo nosso, e continuamos mantendo Jesus à distância.

O poço, porém, antes transbordando de água, finalmente vem a secar. Agora velhos e fracos, perdemos a auto-suficiência da juventude. Perguntamos então: “O que precisamos fazer para conseguir a graça da consolação divina? E nossa resposta honesta deve ser: ”Nada, exceto sentar e esperar a chuva cair“.

Quando atingirmos esse estágio da vida espiritual, como aconteceu com Marcelino, estaremos enfim preparados para permitir que Jesus se relacione conosco de igual para igual. Poderemos então Lhe dar a liberdade de nos amar como Ele quiser. Como saberemos que estamos na direção certa? Quando, como Teresa, nosso único desejo for a simples presença diante de Deus. Nada mais, nada menos.

A segunda característica de uma pessoa religiosa se fundamenta na primeira: aceitar o fato que Jesus nos ama de uma maneira especial, singular. Desde o princípio dos tempos, Deus nos procurou para se relacionar conosco, sendo Jesus o exemplo mais evidente dessa iniciativa. Nosso relacionamento com Jesus e o padrão de seu desenvolvimento são únicos: não podem ser duplicados.

## **A ESPIRITUALIDADE ENCARNADA**

Vimos que Jesus foi fundamental para a prática da fé do Fundador. A Eucaristia também ocupou um lugar central em sua vida, e ele procurava celebrá-la regularmente com nossos primeiros Irmãos.

Sabemos também que são três os elementos inscritos no cerne da espiritualidade que Marcelino nos legou em sua prática e em seu Testamento Espiritual: confiança incondicional em Deus, devoção a Maria e confiança em sua proteção e a presença das singelas virtudes da simplicidade e da humildade. A espiritualidade do Fundador era encarnada, marial e transparente.

Analisemos, brevemente, cada um desses elementos. A natureza encarnada da espiritualidade de Marcelino era a fonte de sua prática da presença de Deus.



# *Uma Revolução do Coração*

Ir. Seán D. Sammon, S.G.

Nosso anseio  
por Jesus  
nada mais é  
do que o reflexo  
de Seu anseio  
por nós.

Ele era apaixonado pelo Senhor e por sua missão. Para Marcelino, Jesus estava sempre por perto. Conseqüentemente, seu diálogo com o Senhor foi permanente, assim como a confiança n'Ele e em Sua vontade, que foram progressivamente se aprofundando. Marcelino sempre citava as palavras do Salmo 127: "Se o Senhor não construir sua casa, em vão trabalharão seus construtores".

A espiritualidade encarnada de Marcelino se vê manifestada no texto de muitas de suas cartas. Em uma delas, para o Irmão Marie-Laurent, de 8 de abril de 1839, por exemplo, o Fundador escreveu: "Sua carta, meu amigo muito querido, causou em mim grande compaixão. Desde então jamais subo ao altar sem que o recomende Àquele em quem nunca se espera em vão e que pode nos ajudar a superar os maiores obstáculos".

## **ELEMENTOS PARA UMA ESPIRITUALIDADE CONTEMPORÂNEA**

Uma grande paixão marcou o relacionamento de Marcelino Champagnat com o Senhor Jesus. Nos dias de hoje, também nós desejamos semelhante experiência de Deus, embora compreendamos que pode vir a ser muito diferente daquela do Fundador. Mencionei anteriormente que a paixão é ambiciosa. De fato, não obstante assuma um papel importante na vida espiritual, a paixão parece igualmente trabalhar em outras áreas de nossas vidas. Quando, por exemplo, explodem emoções fortes como a raiva e o ódio, a paixão se manifesta com elas. O mesmo acontece nas situações de profunda melancolia ou euforia. A paixão ocupa também um lugar importante em nossa vida sexual.

Vincular, porém, a sexualidade com a paixão da vida de oração de qualquer pessoa certamente não era mui-



to comum na época de Marcelino. Os sentimentos sexuais eram considerados perigosos e submetidos a um controle severo. Embora muitos místicos escrevessem utilizando imagens sensuais, seus trabalhos eram tratados com bastante precaução, se tanto.

Hoje em dia, a sexualidade assume um sentido muito mais amplo do que apenas o comportamento sexual genital. Estão incluídos nesse conceito nosso modo de ser no mundo como homens e mulheres e as características e atitudes culturalmente definidas como femininas ou masculinas, das quais as pessoas foram se apropriando ao longo da história.

O aspecto mais importante, entretanto, é que a sexualidade incorpora a necessidade humana básica de ir em busca do outro e de acolhê-lo, tanto física quanto espiritualmente. Isso expressa a intenção de Deus de que encontremos, nessa necessidade de relacionamento, um sentido humano e espiritual. De fato, a sexualidade é parte intrínseca do relacionamento com outras pessoas e com Deus. Contudo, ela tem mais a ver com autotranscendência do que com auto-satisfação.

Também sabemos que, assim como a espiritualidade, a sexualidade apresenta uma natureza ambígua. Se de um lado ela propicia o prazer de viver e o enlevo em um relacionamento, constituindo ao mesmo tempo fonte de coragem extraordinária e heróica generosidade, de outro essa mesma energia pode conduzir a comportamentos autodestrutivos e desumanizadores. Nessas ocasiões, em que se perde a noção de equilíbrio, a sexualidade pode ser motivo de desorientação.

É o caso aqui de cogitar de que meios dispomos para ajudar a canalizar criativamente o desejo sexual, afastando-nos dos comportamentos perniciosos e nos levando a nos unir a Deus e ao próximo. Em verdade, alguns meios – como o sentido de disciplina, uma since-



# Uma Revolução do Coração

Ir. Seán D. Sammon, SG

Nossas vidas espirituais se desenvolvem em estágios, e tanto você quanto eu devemos ser pacientes conosco mesmos.

ra auto-estima, o exercício do recolhimento e uma dose de senso de humor – são recursos fundamentais para que nossa vida seja produtiva.

Não sem razão, muitos diretores espirituais, há alguns séculos, vêm recomendando esses mesmos instrumentos para quem esteja seriamente interessado no próprio crescimento espiritual. Tais recomendações têm razão de ser. O grau de comunhão do corpo, da mente e do espírito em um todo depende da disciplina e dos valores que sustentam nossa vida. Nesse mesmo sentido, a qualidade do relacionamento que estabelecemos com Deus, conosco mesmos e com os outros também sofre a influência dessas escolhas.

Devemos, porém, enfrentar um desafio, em se tratando de sexualidade e espiritualidade: aceitar a paixão em nós e, ao mesmo tempo, reconhecer nossas limitações.

Embora muitas culturas atuais nos ensinem o contrário, não é possível sempre ‘ficar com tudo’. Nesse caso, temos de aprender a conviver com a tensão inerente à vida espiritual e à sexual. Agostinho tinha razão quando afirmava que nessa vida não será possível saber a quem confiar nosso coração. Afinal, nosso coração não terá paz enquanto não repousar em Deus.

## A ESPIRITUALIDADE E A CASTIDADE NO CELIBATO

Afirmar, há pouco, que a espiritualidade e a sexualidade apresentam uma relação muito próxima. Podemos mesmo dizer que a sexualidade é central em qualquer experiência de vida que se pretenda espiritual. Portanto, se a sexualidade está no centro de nossa vida espiritual, então a vida espiritual deve ocupar a mesma posição em um celibato genuinamente casto.

A consistência da conclusão fica evidente se considerarmos que a segurança quanto à opção por um celibato casto significa obrigatoriamente aceitar – antes e acima de tudo – o verdadeiro sentido de ser um religioso e, portanto, da identidade espiritual. Somos capazes de aprender tudo sobre sexualidade, chegar mesmo a ser especialistas no assunto, mas se não depreendermos o que realmente significa ser espiritual, a castidade no celibato continuará sempre nos inquietando.

Muita gente, nas sociedades e culturas em que nos inserimos atualmente, acreditam que abraçar um estado de vida comprometido com a castidade no celibato é uma decisão ingênua e louca. E de fato é! Ingênua porque desafia as convenções sociais; e louca porque abraçar e viver a castidade no celibato implica inevitavelmente empreender uma verdadeira revolução do coração. Isso equivaleria, como propõe o filósofo Bernard Lonergan, SJ, a “uma nova amorização total: uma rendição pessoal completa e permanente, sem condições, limites ou restrições”<sup>13</sup>.

Quem entre nós quer se entregar a tal conversão e abraçar essa revolução do coração? Pois é precisamente nisso que se encontra o desafio da castidade de nosso celibato. Ao optar por viver a sexualidade na castidade do celibato, comprometemo-nos a viver com paixão sendo tão profundamente espirituais quanto sexuais.

Redescobriremos, assim, o fogo – esse inefável anseio por Jesus – que sempre ardeu intensamente em nós. Tal descoberta restaura a tranqüilidade no relacionamento conosco mesmos e com o Senhor, mas agora segundo Suas condições e compreendendo melhor Sua mediação. E quando perceberemos que atingimos esse nível? Quando, referindo-se a cada um de nós, as pessoas exclamarem: “Veja como ele é intensamente spiri-



# Uma Revolução do Coração

Ir. Seán D. Sammon, SG

tual, e tão profundamente humano!” Estas palavras, sem dúvida, devem ter sido muito bem aplicadas a Marcelino.

## O LUGAR DE MARIA

A dimensão marial é outra característica importante da espiritualidade de Marcelino. O Fundador devotava grande afeição à Mãe de Jesus. Ele denominou-nos a partir do nome de Maria, reconheceu-a como Primeira Superiora do Instituto, chamou-a de nossa Boa Mãe. Em verdade, Maria se inscreve no centro de nossa herança espiritual.

O relacionamento de Marcelino com Maria foi amadurecendo ao longo do tempo. A plena confiança que depositava em Maria e em sua proteção veio a construir um relacionamento bastante próximo, acabando por se tornar sua confidente.

Essa devoção se manifestava em seus sermões, novenas e cartas e na plena confiança na intercessão de Maria. Tanto que ele tinha certeza de uma coisa: uma vez que as pessoas que pedissem seu auxílio tivessem se empenhado ao máximo, ela então assumiria a responsabilidade de ajudá-las. A mensagem aos Irmãos Antoine e Gonzaga, de 4 de fevereiro de 1831, demonstra bem esse aspecto da sua vida espiritual. Nela ele recomendou: “Peçam o apoio de Maria; digam-lhe que, depois de terem feito todo o possível, pior para ela se as coisas não forem tão bem.”

O Fundador encorajava os primeiros Irmãos a imitá-lo na devoção a Maria. Pedia-lhes, por exemplo, que tivessem um quadro ou uma imagem dela em casa e queria que sempre levassem algo que lhes recordasse dela. Recomendava-lhes, também, o delicado gesto de oferecer a Maria as chaves da porta. “Ela é responsável por

nós,” dizia. “É nossa padroeira e protetora.”

Marcelino igualmente aconselhava os primeiros Irmãos a adotar Maria como Mãe, que devia ser um modelo a ser imitado e alguém a quem se recorrer com uma confiança filial. Na Anunciação, a resposta de Maria a Deus foi cheia de confiança, direta e sem titubeio. O Fundador queria que demonstrássemos igual disposição em nosso “Sim”. Nesse sentido, nas Regras de 1837, incluiu a oração especial “Abandono à Santíssima Mãe de Deus”.

A devoção do Fundador a Maria é um indicador muito sugestivo de sua personalidade. Marcelino foi pouco a pouco se conscientizando de suas limitações. Sabia que os dons necessários para a realização da obra que empreendera superavam em muito suas capacidades naturais. Como explicar, então, seus bons resultados? A sinceridade da consciência do Fundador creditava todo o sucesso de sua realização a Maria, cujo auxílio sempre solicitava e cuja inspiração perseguia com total fidelidade.

### **MARIA DOS ANAWIM, DE NAZARÉ, DO NOVO TESTAMENTO, DE HOJE**

Que posição tomamos diante de tudo isso? Que lugar Maria ocupa na espiritualidade do Instituto, bem como na sua vida e na minha, no novo milênio? É preciso, de início, reconhecer a rica diversidade que existe no Instituto quando se trata de Maria. Diversos países e culturas cultivam suas próprias imagens dela e seus centros de peregrinação, celebrações e festas.

Devemos admitir, também, que o entendimento sobre essa extraordinária mulher de fé não difere muito daquele dos fiéis do século XIX, o que talvez ajude a explicar por que a devoção a Maria vem diminuindo des-



# Uma Revolução do Coração

Ir. Seán D. Sammon, S.G.

No amanhecer do século XXI, precisamos atualizar, como Instituto religioso, a compreensão que temos de Maria.

de o Vaticano II, tanto na Igreja quanto em nosso Instituto. A imagem da mãe de Jesus ficou congelada no tempo, presa a imagens criadas por artistas da Renascença e colocada em um pedestal longe de nosso alcance.

No amanhecer do século XXI, precisamos atualizar, como Instituto religioso e de acordo com os ensinamentos do Vaticano II, a compreensão que temos de Maria. E, ao mesmo tempo, não podemos deixar de respeitar as ricas e variadas tradições tão evidentes para nós. Cumpre insistir, portanto: essa mulher de coragem e força deve ser o centro de nossa espiritualidade tanto quanto o foi para Marcelino.

### **UM NOVO DESAFIO**

O mundo do século XIX era muito diferente do atual. Estamos muito mais conscientes do multiculturalismo e das diferenças, por exemplo. Mas, paradoxalmente, a sensação de proximidade com o outro é maior agora, com muito mais oportunidades de compreensão mútua do que talvez em qualquer outra época da história. É para a Igreja e o mundo contemporâneos que se deve elaborar uma nova linguagem para apresentar Maria. Em síntese: precisamos hoje de uma Mariologia apropriada para o século XXI. Para fazer a diferença, deverá ser consistente, fortalecer-nos espiritualmente e nos desafiar eticamente.

O Concílio Vaticano II ensinou que santidade e ausência de pecado não são condições antagônicas aos elementos e eventos que constituem o cotidiano da vida terrena. Ao contrário, a graça de Deus se inscreve no núcleo da vida.

A vida de Maria foi uma jornada genuinamente humana. É injusto, para ela e para nós, negar esse fato, excluindo-a do contexto da humanidade. Essa mulher de



fé nunca foi e nunca será divina. Insistir hoje em atribuir títulos a Maria que porventura venham a lhe conferir atributos divinos apenas confunde, mais do que explica alguma coisa.

Maria era uma hebréia, mulher de seu tempo, observadora do Sabbath e de todas as práticas fervorosas dos anawin, ou ‘pobres de Yahweh’. Levou uma vida comum e discreta. Sonhou, sofreu, riu e chorou como toda pessoa, e não compreendia tudo. Precisou enfrentar e superar, como cada um de nós, as dificuldades da vida, que não lhe foi suave. Viveu, enfim, a mesma condição humana de todos nós: tristeza e desânimo, coragem e grandeza, agonia e morte.

Embora alguns artistas, durante muitos séculos, reproduzissem uma cena em que Maria aparece lendo o último livro do Antigo Testamento enquanto aguarda ansiosamente a visita do anjo Gabriel e a notícia que a incluiria no primeiro livro do Novo Testamento, muito provavelmente era analfabeta, como a grande maioria das pessoas de seu tempo, aliás. Teresa de Lisieux nos recorda que amamos Maria não porque a Mãe de Deus recebeu privilégios extraordinários, mas, sim, por ter vivido e sofrido com simplicidade na obscuridade da fé como todos nós. Maria foi filha desse mundo, vivendo o entusiasmo e as alegrias humanas, assim como as preocupações que nos sobressaltam a cada dia.<sup>14</sup>

Ela também aguardava ansiosamente a chegada do Messias. E como sempre via o mundo com os olhos da fé, reconheceu enfim o Servo Sofredor em Seu filho. Como pessoa, fez escolhas difíceis e corajosas, vindo a se tornar uma conselheira na construção da comunidade da Igreja nascente. Assim, embora a imagem da Boa Mãe, tanto cara a Marcelino, seja muito significativa para nós, fica cada vez mais evidente que Maria também foi nossa irmã na fé e uma presença profética na Comunidade dos Santos.



# Uma Revolução do Coração

Ir. Seán D. Sammon, SGC

Marcelino Champagnat foi uma pessoa sincera e que transpirava entusiasmo e confiança, encorajando sempre seus Irmãos a desenvolverem essas qualidades.

Pessoalmente, espero que Maria finalmente venha a ser quem de fato é, para a Igreja e para o Instituto, livre da imagem idealizada de mulher extraordinária e do pedestal em que foi colocada.

## AS VIRTUDES DA SIMPLICIDADE E DA HUMILDADE

O terceiro elemento essencial da espiritualidade do Fundador é a prática das virtudes da simplicidade e da humildade. A simplicidade era uma característica marcante de Marcelino Champagnat, uma pessoa sincera e que transpirava entusiasmo e confiança, encorajando sempre seus Irmãos a desenvolverem essas qualidades.

Marcelino foi um homem humilde, que em sua maturidade atingiu o conhecimento e a aceitação de si mesmo. O Fundador não era pretensioso, desafiando-nos a ser assim sinceros e despretensiosos.

O relacionamento do Fundador com as crianças ilustra bem essas virtudes. Seu amor por elas, assim como pelos jovens, manifestava-se de maneira franca e agradável. Era considerado ótimo catequista, falando diretamente a seus corações e anseios. Preocupava-se tanto com sua evangelização quanto com sua educação, o que o levava sempre a dizer: “Não posso ver uma criança sem me dar vontade de ensinar-lhe o catecismo e fazer-lhe saber quanto Jesus Cristo a amou e quanto, por sua vez, deve amar o divino Salvador.”

O episódio que ficou conhecido como o ‘Lembraivos na neve’ é outro exemplo das virtudes da simplicidade e da humildade na vida do Fundador. Esse incidente apresenta outra característica marcante de sua personalidade e sua espiritualidade: o grande amor por

seus Irmãos. E foi precisamente sua preocupação por um Irmão doente que o motivou a empreender essa viagem. O mundo de Marcelino pode ter sido pequeno se comparado com o de hoje, mas nada era pequeno em se tratando de seu coração. O amor do Fundador sempre se traduzia em ação: um de seus Irmãos estava doente, e ele precisava visitá-lo a qualquer custo.

Não obstante isso, poderíamos fazer conjecturas sobre as razões que o teriam levado a viajar, tendo em vista a ameaça da tempestade de neve. Alguns poderiam alegar que a jornada de Bourg-Argental teria sido uma imprudência.

Sejam quais forem as outras motivações que o fizeram se decidir pela viagem de retorno naquela hora, fato é que seu sentido de presença de Deus e sua confiança em Maria e sua proteção lhe deram segurança, em circunstâncias que teriam feito outras pessoas hesitarem. Seu recurso ao ‘Lembrai-vos’ diante do perigo não foi um impulso extremo de um homem diante do risco da morte. Marcelino sempre teve plena certeza do poder da constante presença de Deus. Maria também representava um apoio sempre tão certo que contava com sua proteção com a fé de uma criança. Pois essa fé na presença salvífica de Deus o acompanhou por toda a vida, assim como foi sempre inquestionável sua confiança em Maria. O ‘Lembrai-vos na neve’ representa, portanto, uma manifestação explícita da profunda realidade espiritual de Marcelino.

## **O DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL**

Como podemos aplicar em nossas vidas o que refletimos e discutimos até aqui sobre a espiritualidade de Marcelino?

Primeiro, é preciso pagar um preço quando aceitamos as condições de Jesus. Afinal, Ele nos pede que O imitemos, e não que O admiremos. Isso implica abra-



# Uma Revolução do Coração

Ir. Seán D. Sammon, S.G.

Os vínculos que se estabelecem entre nós e o Senhor serão tanto mais profundos quanto mais nossos tempos de oração pessoal se desenvolverem naturalmente, tornando-se cada vez mais regulares e prolongados.

çar, acima de tudo, o Mistério Pascal. Se almejamos a transformação, devemos aprender a nos sentir à vontade diante do sofrimento e da morte.

Segundo, precisamos entender como o relacionamento com Jesus se desenvolve e o que é necessário para preservá-lo. Os autores que trataram do tema da espiritualidade sempre insistiram que a oração é parte essencial do relacionamento com o Senhor. Vimos que a vida espiritual de Marcelino recebeu, desde seu início, forte influência de sua mãe e sua tia Louise. Durante os anos de seminário, sua vida espiritual se desenvolveu segundo uma disciplina que estabelecia momentos regulares de oração e penitência, bem como outras práticas que ele mesmo introduziu em sua vida.

Os vínculos que se estabelecem entre nós e o Senhor serão tanto mais profundos quanto mais nossos tempos de oração pessoal se desenvolverem naturalmente, tornando-se cada vez mais regulares e prolongados. Mas o que ‘regular e prolongado’ representa concretamente? O ideal seria uma hora por dia de oração pessoal. Mas essa meta é atingida ao longo do tempo, e mediante o convite de Deus.

Você e eu usufruímos a companhia de Jesus durante as vinte e quatro horas do dia e os sete dias da semana. Se somos sérios em nosso relacionamento com Ele, não poderemos deixar de querer retribuir esse favor, proporcionando a Jesus também o prazer de nossa companhia ao menos durante uma hora por dia. A prática de ‘honrar esse tempo’ e a integridade na vida moral devem ser nossas características, como pessoas que levam sua vida espiritual de fato a sério.

Podemos resistir à idéia de tentar encontrar uma hora reservada à oração pessoal em meio a uma rotina de vida já bastante desgastante. Podemos também citar o artigo de nossas Constituições Maristas que prescreve trinta minutos de oração pessoal diária. Mas, sejamos

honestos: será possível convencer alguém de que não conseguimos mais do que meia hora por dia para o relacionamento que declaramos ser o mais importante de nossa vida?

Meus Irmãos, o ativismo, essa necessidade compulsiva de estar sempre sobrecarregado de atividades, que caracteriza a rotina de muitos Irmãos no Instituto beira o patológico atualmente. Para alguns, essa parece ser a única grande ameaça à vida espiritual, e me incluo entre aqueles que precisam lutar contra isso.<sup>15</sup>

Mas por que o ativismo representa tamanha ameaça?<sup>16</sup> Em razão de três elementos que acabam por entorpecer nosso espírito e nosso coração: o convencimento de que tudo depende exclusivamente de nós, a atribuição de uma importância desmedida à competência e à eficiência pessoais e a fuga ao desafio do recolhimento na solidão, com a tendência de se preencher cada instante da vida com trabalho ou diversão. Para um Irmão superocupado, o recolhimento deve ser uma experiência realmente terrível, pois o obriga ao confronto consigo mesmo. É triste dizer isso, mas alguns Irmãos valem-se de qualquer recurso para evitar tal enfrentamento.

## ENCONTRANDO A CURA

O Sínodo sobre a Vida Religiosa afirmou nossa importância para a Igreja não pelo que fazemos, mas sim por quem somos. No entanto, Basílio observou também que nosso Instituto aparentemente se destaca mais pelo trabalho do que pela oração, e essa observação pode muito bem ainda prevalecer.

Um Provincial me disse recentemente acreditar que, se perguntados, muitos Irmãos de sua Província se diriam dispostos a despertar uma hora mais cedo para ter-



# Uma Revolução do Coração

Ir. Seán D. Sammon, S.G.

minar algum tipo de trabalho. Não conseguia imaginar, porém, a mesma maioria de Irmãos acordando sessenta minutos antes do horário habitual para uma hora adicional de oração, ou mesmo para alguma atividade com a comunidade. O tempo nos ensinou uma dura lição: uma vida de crescente aprofundamento da oração ajuda a sustentar nosso modo de vida; mais ocupação, não.

O que nos afasta da oração, todavia? Creio que a evitamos porque, em parte, não rezamos como deveríamos. Se sua oração for como a minha, certamente ela deve lutar contra inúmeras distrações, como compromissos agendados, telefonemas a fazer e uma infinidade de tarefas que precisam ser logo realizadas. Há dias em que tudo parece interferir na minha oração, menos Deus.

Talvez tais distrações devam ser vistas como uma forma de nos lembrar que não precisamos fazer coisa alguma para merecer o amor de Deus. Ele é uma dádiva, livre e incondicional. Como Maria, precisamos apenas dizer 'sim' a Seu amor, ou então rejeitá-lo. Mas a idéia de que precisamos ganhar o amor de Deus é inadmissível. Para a maioria de nós, religiosos, essa condição é a mais difícil de aceitar. Por quê? Em parte porque nos desconcertamos diante do amor irrestrito que Deus nos dedica. E o que finalmente nos encoraja a responder a Deus? A certeza de que a necessidade e o anseio que sentimos por Ele supera em muito nosso egoísmo e nossos pecados.

Insisto: esse assunto é extremamente sério para nós. Há anos discutimos a necessidade de oração pessoal e nossas falhas nessa área. Um levantamento informal das razões apresentadas nos últimos dez anos por Irmãos que solicitaram dispensa dos votos demonstra que a falta de vida espiritual é uma das duas justificativas mais frequentes. Apenas isso bastaria para não continuarmos a fugir desse problema e encontrar uma solução para ele.

## O MUNDO DE MARCELINO E O NOSSO

Marcelino Champagnat é santo não por seus próprios méritos, mas principalmente porque acolheu a graça de Deus em seu coração, onde criou raízes e floresceu. Foi o que sugeriu quando escreveu em seu Testamento Espiritual: “Para viver como bom religioso, exige-se sacrifício; mas a graça suaviza tudo”.

Como aconteceu com Marcelino, Jesus deve estar antes e acima de tudo em nossas vidas. A natureza única de nosso modo de vida sempre foi a profissão pública de viver plena e radicalmente a Boa Nova de Jesus Cristo como o motivo de nossa existência.

Desde sua fundação em 1817, o mundo Marista vem crescendo em complexidade. Atualmente, por exemplo, o Instituto se encontra em 77 países e congrega Irmãos das mais diferentes culturas. Os idiomas, costumes e tradições se diversificam de uma nação para outra e, às vezes, dentro do próprio país. Evidentemente, essa condição deve ser levada em conta em qualquer discussão atual sobre nossa identidade e a espiritualidade de Marcelino.

O interesse pela espiritualidade ecológica, por exemplo, tem crescido ultimamente em algumas partes do mundo. No futuro, talvez tenhamos de considerar a contribuição que esta linha de espiritualidade poderá trazer à nossa visão do modo de Marcelino nos conduzir a Deus.

Ao fazer isso, porém, precisamos também ter em mente que a concepção de ecologia recebe uma forte influência cultural. Portanto, qualquer discussão eficaz deverá sempre levar em consideração a concepção de ecologia tanto nas culturas tradicionais quanto nas tradições religiosas asiáticas e em uma grande variedade de culturas contemporâneas.



# Uma Revolução do Coração

Ir. Seán D. Sammon, S.G.

Nesse caso, devemos admitir que, embora o Instituto tenha uma abrangência mundial, nossas palavras e atitudes nem sempre refletem essa realidade. Com muita frequência, as discussões sobre alguns elementos de nosso modo de vida, incluindo a espiritualidade, continuam a refletir o que, na falta de uma definição melhor, poderíamos denominar ‘pensamento ocidental’. Muitas vezes, nosso comportamento e nossa linguagem revelam uma convicção tácita – e, em minha opinião, equivocada – de que algumas culturas seriam inerentemente melhores do que outras.

Entretanto, não estamos sozinhos nesse desejo de nos transformar em um Instituto verdadeiramente universal, tanto na teoria quanto na prática. O falecido teólogo alemão Karl Rahner sugeriu, há cerca de trinta anos, que a Igreja enfrentou o mesmo desafio na segunda metade do século XX, ao deixar de ser uma Igreja de uma cristandade apenas ocidental para se transformar em uma Igreja mundial. Continuando nossa reflexão sobre a espiritualidade de Marcelino e uma identidade contemporânea para seus Irmãozinhos de Maria, esse apelo à universalidade não pode ficar esquecido.

## DESENVOLVENDO-SE NO ESPÍRITO DE DEUS

Vimos que o relacionamento de Marcelino com o Senhor se desenvolveu ao longo do tempo. No início, ele se disciplinava estabelecendo horários diários e atividades fixas para criar ‘hábitos’ de oração. Com o tempo, contudo, atingiu tal nível em seu relacionamento com Jesus que acabou se tornando sua segunda natureza.

Mas, além de abraçar o Mistério Pascal e de adotar hábitos da oração pessoal e da integridade na vida moral,

que outras práticas Jesus recomendou e nosso Fundador cumpriu para desenvolver uma vida espiritual saudável? Podemos reconhecer três em especial: a paixão pela justiça, um coração generoso e o envolvimento com uma comunidade histórica de fé. Apresento em seguida uma breve consideração sobre cada uma delas.

O reconhecimento de que a promoção de justiça para os pobres ocupa o primeiro lugar na relação de atitudes essenciais que desenvolvem a vida espiritual não deve mais nos surpreender. Para Jesus, havia dois mandamentos básicos: amar a Deus e amar ao próximo. Em Mateus 25, anuncia categoricamente que seremos julgados pela maneira como tratamos os pobres, que por sua vez sempre equivalerá à maneira como O tratamos.

Engana-se quem pensa ser possível o relacionamento com Deus sem que igualmente cuidemos das pessoas mais fracas da sociedade e sem examinar implacavelmente como nosso modo de vida contribui para sua condição. Uma genuína espiritualidade não pode ser excluída das preocupações pelas pessoas empobrecidas e pelas necessidades para a construção de uma sociedade justa.

Um coração generoso é outro importante elemento na vida espiritual. Afinal, ser santo é transbordar de generosidade. É possível deduzir, então, que apenas corações generosos poderão transformar espiritualmente nosso mundo. A parábola do Filho Pródigo ilustra bem esse ponto. Os dois filhos estavam ‘distantes da casa de seu pai’, um por infidelidade e fraqueza, e o outro em razão da amargura e do despeito.

De acordo com os costumes da época, cada filho tinha direito à sua parte da herança, mesmo enquanto o pai estivesse vivo. Mas, nesse caso, o pai também tinha direito sobre todos os resultados obtidos pelos espólios dos filhos. Ao exigir sua parte da herança e se mudar



# Uma Revolução do Coração

Ir. Seán D. Sammon, SGC

para uma terra estrangeira, o filho mais jovem negou ao pai o exercício de seu direito. Esse filho pecou não tanto por sua vida dissipada em lugares longínquos, mas porque figuradamente desejou a morte do pai.<sup>17</sup>



O filho mais velho, porém, não agiu melhor. Ele fez as coisas certas pelas razões erradas. Não havia generosidade e regozijo em seu coração. Jesus nos aconselha a não imitar nenhum dos dois filhos, mas nos encoraja a adotar o coração generoso e compassivo do pai.

Finalmente, a espiritualidade apresenta uma dimensão pessoal e outra comunitária. Deus nos lança seu apelo não apenas individualmente, mas como grupo. Alguns Irmãos consideram difícil aceitar isso. Querem Deus, mas não instituições como a Igreja, pois sua humanidade e pecabilidade os perturba. Contudo, a busca por Deus deve assumir uma dimensão comunitária, não podendo jamais ser reduzida a um projeto individual. Vale lembrar que também somos parte dessa Igreja plenamente humana e pecadora, ela que muitas vezes é objeto de nossas críticas.

### ALGUMAS APLICAÇÕES PRÁTICAS

Novamente você poderia considerar que tudo está bastante claro até aqui. Mas como toda essa conversa sobre espiritualidade, paixão, Marcelino e renovação pode se concretizar? Permitam-me, então, sugerir algumas aplicações práticas. Como vimos, entre as congregações que viveram um ou dois renascimentos ao longo de sua história, fica sempre evidente um fator comum: seus membros iniciaram uma profunda transformação de coração, renovando sua vida de fé e centrando-a ainda mais em Jesus Cristo. É esse, portanto, o ponto crucial: o aspecto mais importante de nossa identidade como Irmãos é nossa identidade espiritual.

Ellen Gaynor, OP, serviu como médica oncologista do Cardeal Bernardin (de Chicago, Illinois), recentemente falecido. Ela escreveu com grande comoção sobre o impacto que o Cardeal representou em sua vida.



## Uma Revolução do Coração

Ir. Seán D. Sammon, SG

Referiu-se principalmente à fé e à impressionante coragem demonstradas durante o período em que o assistiu no hospital até sua morte em decorrência de um câncer.

A vida e a morte do Cardeal nos recordam que o testemunho pessoal pode ainda constituir um poderoso instrumento de promoção da mensagem de Jesus Cristo. O que fica logo evidente é que todos sabiam que Joseph Bernardin, antes e acima de tudo, era sacerdote. Nossa identidade primária como religiosos e Irmãos deveria ser no mínimo assim tão clara para nós mesmos e para os outros com quem convivemos.<sup>18</sup>

A Palavra de Deus é o melhor ponto de partida para quem deseja crescer em sua vida pessoal de oração e, portanto, em intimidade com o Senhor. Qualquer tempo dedicado à oração com o Antigo e Novo Testamentos será muito proveitoso.

Reservar um período diário para a oração pessoal, desde que tratado como um compromisso absolutamente compulsório, também representa grande ajuda. Eu, por exemplo, tenho consciência de que, se não reservar um tempo de oração pessoal pela manhã, as oportunidades de fazê-la depois ficarão bastante reduzidas. De noite estou tão cansado e meu dia é de tal modo diversificado que dificilmente conseguiria um tempo maior para a oração pessoal. Portanto, organizo-me levando em conta essas circunstâncias.

A oração em comunidade é outro momento diário importante em que a intimidade com Jesus Cristo se fortalece. Nesse caso, porém, o desafio é quase sempre maior do que aquele da oração pessoal. Isso ocorre em razão das diferenças de personalidade, idade e experiências de formação que existem entre nós. A diversidade das compreensões acerca da origem e da natureza das orações realizadas em comum é outro fator importante a ser considerado.

Em sua forma e frequência, a oração em comunidade na vida consagrada foi estabelecida de acordo com a realidade concreta dos religiosos de uma determinada época. Essa situação é tão verdadeira para a vida religiosa em geral quanto para a de nosso Instituto. Muitas vezes, o catalisador da evolução da oração comunitária tem sido algum Capítulo Geral com orientações específicas, um desenvolvimento na Igreja em geral ou as pressões que emergem do ministério em uma determinada época.

Infelizmente, as preocupações mais importantes são às vezes as menos influentes. Algumas delas podem, porém, incomodar bastante uma comunidade, que se pergunta quais seriam as melhores formas de louvar e amar a Jesus em comum.

Talvez você tenha ficado preocupado ao ler o parágrafo anterior. Afinal, a lógica pode sugerir que tal processo, ao se valer desse tipo de questionamento como meio para organizar a oração comunitária, pode provocar um número interminável de formas e estilos. E aí nossa imaginação é logo assaltada pelo receio de se criar uma confusão como a que se instalou na Torre de Babel!

No entanto, nossas Constituições e as ricas tradições do Instituto podem nos orientar. Nesse caso, entretanto, muitos Irmãos talvez precisem refrescar um pouco a memória antes de sugerir alguma idéia para a comunidade. Para ajudar na reflexão sobre a oração comunitária, contamos também com a experiência cotidiana de nosso apostolado, da própria comunidade e de outros setores da vida. Podemos ainda nos valer do conhecimento sobre a evolução da oração em comunidade de religiosos e religiosas ao longo da história.

Vamos, pois, reservar alguns minutos para analisar a evolução da oração em comunidade e entender os



# Uma Revolução do Coração

Ir. Seán D. Sammon, S.G.

acontecimentos que a envolvem no contexto de uma breve história da oração comunitária dos institutos religiosos desde o tempo dos Padres do Deserto até os dias de hoje. Terminada essa tarefa, talvez fique mais fácil assumir um modo de celebrar diariamente em comunidade a presença amorosa de Deus entre nós.

## UMA BREVE HISTÓRIA DA ORAÇÃO EM COMUNIDADE

Em rápidas pinceladas, começaremos essa revisão sobre a evolução da oração em comunidade das congregações religiosas a partir das comunidades beneditinas da Idade Média. Seus membros eram devotados ao Ofício Divino que, naquela época, consistia no canto dos Salmos, intercalado por leituras dos Padres da Igreja.

Entre os séculos X e XI, no entanto, a Eucaristia – então elevada à posição de suprema importância entre todas as orações da Igreja – usurpou a posição privilegiada do Ofício Divino e passou a ocupar o centro da vida monástica. Surgidos no cenário durante a Idade Média Alta, os cistercienses e os beguinos foram bastante revolucionários em sua visão de oração pessoal e comunitária e de espiritualidade. Destacavam a intenção subjacente à oração formal. Seu ‘misticismo afetivo’, como era chamado, finalmente incluiu um grande número de validações místicas de oração, tais como levitações, transes e estigmas.

Inácio de Loyola desenvolveu, no decorrer do século XVI, uma nova técnica de meditação estruturada que convergia para a vida de Cristo e as grandes verdades da fé. Sua contribuição produziu grandes mudanças no tipo de oração praticada pelos membros de muitas congregações religiosas. No lugar de enfatizar a recitação do Ofício Divino ou a contemplação



mística, Inácio levou seus confrades Jesuítas a executarem os ‘Exercícios Espirituais’, fundamentados em meditação discursiva, durante seu retiro anual. Para tanto, eram ativadas as capacidades de memória, raciocínio e vontade.

Essas práticas passaram a se tornar muito populares entre os membros de numerosas congregações emergentes. Muitas delas, fundadas no século XIX, adotaram a prática do retiro anual de Inácio e fizeram da meditação a base de sua oração em comunidade. Reflexões organizadas a partir de pontos ou temas pré-selecionados substituíram o misticismo afetivo tão popular nos primeiros tempos. Para aqueles Irmãos formados antes do Concílio Vaticano II, a forma estruturada de meditação de Inácio soará muito familiar, pois foi um dos principais métodos que nos foi ensinado.

No período do século XIX, muitos novos institutos apostólicos abandonaram o Ofício Divino. Em seu lugar surgiram inúmeras orações devocionais, como o rosário, as novenas, as orações matinais e vesperais e as ladinhas. Tais práticas refletiam o que então ocorria em toda a comunidade católica. Mas por que optar pelas orações devocionais em lugar do Ofício Divino? Embora uma explicação completa envolva muitas razões, fato é que o Ofício não era de uso tão comum, em parte porque sua recitação completa interferia demais na capacidade do grupo em realizar seu apostolado. Muitos consideravam que não era possível atender adequadamente às tarefas de ensino ou enfermagem, por exemplo, tendo de interrompê-las em intervalos de tempo regulares para acompanhar a oração em comunidade.

Nessa época, infelizmente, a oração mística ou contemplativa caiu em desuso, e as pessoas que a aspiravam passaram a ser consideradas arrogantes. A contemplação ficou então reservada a um pequeno grupo da elite espiritual. Essa noção equivocada nos empobreceu co-



# Uma Revolução do Coração

Ir. Seán D. Sammon, S.G.

mo Igreja. Se nós, como religiosos apostólicos, devemos ser contemplativos na ação, precisamos, de acordo com essa autodefinição, ser tão dedicados à contemplação como à ação.

O estilo e a forma da oração em comunidade existentes no nosso Instituto e em outros, portanto, evoluíram ao longo da história. Emergiram livremente da prática diária da Igreja na seqüência desse processo. Agora, quando refletimos sobre a espiritualidade de Marcelino e nos empenhamos em alcançar uma oração em comunidade apropriada e vivificadora para um Instituto do tamanho e com o alcance do nosso, precisamos recordar a história da oração em comunidade na vida religiosa.

Ainda mais importante, porém, é compreendermos as origens de nossa própria oração em comunidade. Só assim será possível avaliar as diversas maneiras inovadoras de louvar a Deus que surgiram na comunidade eclesial em anos mais recentes e verificar como podem contribuir na tarefa de renovar a oração em comunidade em um Instituto multicultural.

## A ORAÇÃO COMUNITÁRIA MARISTA

Como a oração em comum de todos os institutos religiosos, a nossa tem uma história própria. Alguns recordarão, por exemplo, os tempos em que o “Pequeno Ofício da Santíssima Virgem”, recitado em latim, era utilizado como texto de oração. Hoje em dia, é difícil até mesmo encontrar um exemplar dessa publicação.

Todos sabemos que cantar e recitar a Salve Regina no início e no final de cada dia não era um hábito nos primeiros tempos, pois foi apenas em 1830 que Marcelino incluiu essa prática. A ‘segunda’ Revolução Francesa começava então sua marcha e o Fundador, em sua

grande devoção a Maria, instituiu a Salve Regina para pedir a proteção de Maria para sua jovem comunidade de Irmãos durante o período de revolta civil.

O Irmão Luís Maria, terceiro Superior Geral, foi quem provavelmente deu origem às invocações que recitamos todas as manhãs, preocupado que estava em garantir uma viagem segura para os Irmãos que partiam à África do Sul levando o Instituto. Pelo que sabemos, os Irmãos que fundaram essa Província – que celebrou seu centésimo aniversário antes da reestruturação – chegaram ao seu destino sem qualquer problema! Mas as invocações recitadas com tanto fervor pelos Irmãos, seus contemporâneos, para pedir uma viagem segura continuaram a fazer parte da oração da manhã de muitas de nossas comunidades até hoje.

### UMA PALAVRA FINAL SOBRE ORAÇÃO PESSOAL E COMUNITÁRIA

Marcelino sabia que a espiritualidade que manifestamos na oração pessoal e em comunidade inscreve-se no núcleo de nossas vidas como Irmãozinhos de Maria. Sem elas, logo nos desviamos dos ideais de nosso modo de vida. A oração pessoal deve ser o poço onde regularmente saciamos nossa sede.

A oração em comum era, para Marcelino, igualmente importante. Para repensá-la e renová-la, porém, é preciso correr alguns riscos. Primeiro, o de partilhar com os outros Irmãos da comunidade algo que diz respeito a meu relacionamento com Jesus. Se você e eu queremos encontrar modos novos e satisfatórios de orar a Deus, precisamos partilhar algo de nossa espiritualidade pessoal com os outros, por mais que isso seja difícil para alguns.

Em seguida, devemos tomar conhecimento das orientações da Igreja quanto à oração comunitária.



# Uma Revolução do Coração

Ir. Seán D. Sammon, S.G.

“Amar a Deus,”  
insistiu,  
“amar a Deus  
e trabalhar  
para torná-lo  
conhecido  
e amado,  
essa deve ser  
a vida  
do Irmão”.

Atualmente, há muitas novas iniciativas sendo empreendidas pelo Povo de Deus em suas manifestações orantes.

E, por fim, precisamos respeitar as diferenças culturais. Mesmo nos limites de nossas atuais Constituições, a oração comunitária pode não ser organizada da mesma forma em todas as partes do mundo. Todavia, se for fiel a Marcelino e a seu sonho, com certeza terá o mesmo espírito.

### ALGUNS DESTAQUES CONCLUSIVOS

Bem, chegamos ao final dessa Circular. Não devemos esquecer, contudo, que o Instituto continua a enfrentar algumas tarefas for *Femi* s desafios complexos na emergência *Femi* e se mostra tão abençoado quanto penoso. O trabalho à nossa frente não exigirá menos do que já foi exigido para chegarmos até aqui: mentes abertas, disposição para superar visões ideológicas desagregadoras e muito sacrifício.

## PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

Como vimos, essa Circular discute de modo especial um dos aspectos mais importantes da nossa identidade de Irmãozinhos de Maria. Os membros do 20.º Capítulo Geral nos desafiaram a “centrar apaixonadamente nossas vidas e nossas comunidades em Jesus Cristo, como Maria. E, para isso, efetivar processos de crescimento humano e de conversão”.

Sua mensagem é desafiadora, mas também plena de júbilo. Pois é exatamente esse júbilo que precisa se tornar bem visível hoje em nossa vida e em nossa missão de discípulos de Marcelino. Como me disse um Irmão recentemente: “Não seria maravilhoso chegarmos ao fim de nossa vida Marista e concluirmos que não houve mérito algum nisso, pois para nós foi tudo tão prazeroso?”

Meus Irmãos, devemos ficar alerta, pois o desafio que se apresenta é evidente. Temos, no entanto, todas as condições para superá-lo. Afinal, não é sempre o mesmo desafio desde nossa fundação no dia 2 de janeiro de 1817? Marcelino nos falou com muita simplicidade: “Amar a Deus,” insistiu, “amar a Deus e trabalhar para torná-lo conhecido e amado, essa deve ser a vida do Irmão”. Ao definir assim nossa vocação, estava nos recordando que a alma de nossa identidade como Irmãozinhos de Maria, hoje como ontem, está em Jesus Cristo e em Sua Boa Nova, antes e acima de tudo.

Seán Sammon, FMS  
Superior General

1. Que aspectos da espiritualidade de Marcelino o atraem e o entusiasma? Esses aspectos estão presentes em sua espiritualidade? Em caso afirmativo, de que formas?

2. Que aspectos da espiritualidade de Marcelino o perturbam ou não o entusiasma? Se possível, seja específico e tente registrar por escrito as razões pelas quais esses aspectos não o atraem.

3. Que recompensas você recebe e que dificuldades sente em suas experiências de oração pessoal e em comunidade? O que já leu sobre Marcelino e sua espiritualidade que lhe deu condições para enfrentar e superar satisfatoriamente essas dificuldades? Em caso afirmativo, como isso aconteceu?

4. As discussões sobre oração comunitária podem muitas vezes provocar desentendimentos e constranger relacionamentos — exatamente o resultado oposto ao que se espera de uma vida de oração em comum. Tente pensar durante alguns minutos e responda: Qual seria a forma ideal de uma experiência de oração em comum para sua comunidade hoje, levando em conta as diferenças de idade, personalidade, cultura e concepções de vida religiosa? Como isso pode ser discutido com maior liberdade em sua comunidade? Que resultados você espera dessa discussão?

5. Quem é Maria para você hoje? Como a imagem que você tinha de Maria mudou, se for esse o caso, desde o tempo de sua formação inicial?

**Observação:** Encontre um lugar sossegado onde você possa pensar nessas perguntas. Faça isso em um momento de recolhimento. Pegue um bloco de anotações e uma caneta ou lápis e anote todos os pensamentos, sentimentos e intuições que julgar importantes. Considere em seguida a possibilidade de

conversar com outra pessoa que também tenha feito essa reflexão. Essas anotações podem lhe valer durante essa conversa, ou mesmo quando você quiser conferir o fruto de suas reflexões.

## REFERÊNCIAS

- 1 Catherine de Vinck, *A time to gather: selected poems*. Combermer, Ontario: Alleluia Press, 1967 e 1974.
- 2 Burnand, Eugène (1850-1921). *Les disciples Pierre et Jean courant au sépulcre le matin de la Resurrection*. Musée d'Orsay: Paris, acquis en 1898.
- 3 John Padberg, SJ. In Felkner (Ed.) *The Crisis in Religious Vocations: an inside view*. New York: Paulist., 1989.
- 4 *Atas do 20.º Capítulo Geral*. Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas. Casa Geral. Roma, 2002.
- 5 *Documento do 20.º Capítulo Geral*, Instituto dos Irmãos Maristas, Escolhamos a vida, Roma, 13 de outubro de 2001.
- 6 Relatório da Comissão sobre Oração, Apostolado e Comunidade, in *Relatório Geral do 17.º Capítulo Geral*, Irmãos Maristas das Escolas, Roma, setembro/outubro de 1976.
- 7 Cf. Testamento Espiritual do Padre Marcelino Champagnat, in *Constituições e Estatutos dos Irmãos Maristas das Escolas*, Roma, 1993.
- 8 Austin Flannery, O.P. (Ed.). *The Basic Sixteen Documents: Vatican Council II*. Costello Publishing Company, 1996.
- 9 Bruce Lescher in Meister, Michael, FSC. *Blessed Ambiguity: Brothers in the Church*. Christian Brothers Conference, 1993.
- 10 *Relatório Geral do 17.º Capítulo Geral*, op. cit.
- 11 Furet, Jean-Baptiste. *Sentences, Leçons, Avis du Vénéré Père Champagnat*. Imprimerie de Ve J. Nicolle : Lyon 1868.
- 12 Ronald Rolheiser, OMI. *The Holy Longing: The Search for Christian Spirituality*. New York: Doubleday, 1999.
- 13 Bernard Lonergan, SJ. *Method in Theology*. London: Herder and Herder, 1972.
- 14 Johnson, Elizabeth, CSJ. *Truly our Sister: A Theology of Mary in the Communion of Saints*. New York: Continuum, 2003.
- 15 Ronald Rolheiser, OMI, *Against an Infinite Horizon: the Finger of God in our Everyday Lives*. New York, Crossroad, 2001.
- 16 Ibid.
- 17 For further detail see Henri Nouwen. *The Return of the Prodigal Son: A Story of Homecoming*. New York, Image Books,

